



AD 2012 FRATRES

Revista do
SUPREMO
CONSELHO
PARA PORTUGAL
DO R.E.A.A.

NOTA EDITORIAL

Recorda-se aos leitores de números anteriores desta revista e anuncia-se aos que agora tomam contacto com ela pela primeira vez que a AD FRATES:

✘ É promovida pelo Supremo Conselho do 33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite da Maçonaria para Portugal, instituição da Maçonaria Regular, com particular relacionamento com a Grande Loja Legal de Portugal/GLRP;

✘ Destina-se não só a todos os maçons, mas também àqueles de alguma maneira se interessam pela Ordem Maçónica ou pelos temas de que se ocupa.

✘ Não é um órgão oficial do Supremo Conselho. Cada texto é da responsabilidades dos respectivos autores (nem todos membros do Supremo Conselho), cabendo ao signatário, Grande Secretario do Interior do Santo Império (G.S.I.S.I.), por incumbência do Supremo

Conselho, a sua escolha e edição.

Agradece-se a colaboração do Director da Revista e o diligente trabalho de Isabel Maria Corker na realização gráfica desta publicação, mas sobretudo, pelo companheirismo nos fundamentados contributos críticos aos conteúdos.

Agradece-se, também, a todos os que contribuíram com os seus trabalhos e ao pintor Luís Vieira-Baptista, pela partilha da sua obra.

Na convicção que os membros dos diversos Corpos Subordinados do Supremo Conselho e outros leitores dedicarão a melhor atenção a este terceiro número, apela-se para que não deixem de manifestar todas as sugestões e apreciações que lhes aprouver.

Os contactos com a Revista devem ser feitos por e-mail para: gsi@scg33.pt

A. PAIVA, 33º, G.S.I.S.I.

DIRECTOR Paulo Nogués
PROPRIEDADE Associação Albert Pike
DESIGN IMC
IMPRESSÃO EUROPRESS - Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Rua João Saraiva, 10A - 1700-249 Lisboa
Tel.: 218 444 340 - Fax: 218 492 061 - E-mail: geral@europress.pt
TIRAGEM 1000 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Abril 2012

ÍNDICE

AD FRATRES	4
A GEOMETRIA SAGRADA EM LUÍS VIEIRA-BAPTISTA	13
A GEOMETRIA SAGRADA: UMA INSPIRAÇÃO	15
AS AVENTURAS DE PINÓQUIO	23
DE ONDE VIEMOS? QUE É O HOMEM? QUE A MORTE FARÁ DE NÓS?	28
FUNDIÇÃO, FOGO, FERRO E PEDRA	38
A MAÇONARIA NOS AÇORES	46
DOS GRAUS SIMBÓLICOS AOS GRAUS FILOSÓFICOS	54
AS RAÍZES DA MAÇONARIA ESPECULATIVA	60
O ACASO, O CAOS E A ORDEM UNIVERSAL	69
PARA A HISTÓRIA DO REAA EM PORTUGAL BREVE APONTAMENTO	77
LEITURAS	82

AD FRATRES

POR AGOSTINHO GARCIA, 33º
SOBERANO GRANDE COMENDADOR

Este é um momento de séria reflexão que impõe que se olhe, com a maturidade e a sabedoria que a idoneidade e a sensatez alicerçam, a realidade que nos rodeia, onde as circunstâncias tendem a transformar o homem numa vítima não só delas próprias, mas também de medos e inquietudes.

O Rito Escocês Antigo e Aceite, mantendo a busca incessante do aperfeiçoamento dos seus membros, não ignora em momento algum que se insere na Sociedade e que com ela tem por missão interagir.

Torna-se, pois, necessário que todos nós, enquanto membros do REAA, nos debruçemos sobre o mundo profano e sobre a sua interacção com a Ordem e atentemos nos eventos e nos desenvolvimentos que nele ocorrem com a mudança das condições de vida dos cidadãos.

Desde o século XVIII que a Maçonaria, com a sua prática esotérica, a livre comunicação entre os seus membros e o contacto entre

povos e culturas diferentes, foi cadinho onde fervilharam ideias e transbordaram acções tendentes a mudar a face da sociedade;

Ciência Experimental, Iluminismo, Tolerância Religiosa, Ecumenismo, Democracia, Entendimento da igual dignidade de todas as pessoas, Direitos Humanos, Unidade global dos homens e a recusa do recurso à guerra como meio para solucionar diferendos internacionais (não obstante as suas sedes próprias) são fruto inquestionável da reflexão maçónica.

De tal reflexão nasceram factos como a ciência moderna, o fim da escravatura, a revolução francesa e a independência americana bem como a solução de vários problemas internacionais pelo estabelecimento dos mecanismos de manutenção de paz na Europa e no Mundo que o século XX viu nascer.

Para o traçar de objectivos de actuação no presente, há que ter em consideração a realidade que nos rodeia.

A maior parte das sociedades, apesar de terem vindo a usufruir de paz e prosperidade, não se eximem a convulsões sociais, provocadas sobretudo por uma crise económica, onde se está longe de ter certezas quanto ao modo de sair dela.

A globalização dos mercados resultou na desregulação dos mecanismos financeiros e na criação e desenvolvimento de uma economia virtual, desligada da produção de bens transaccionáveis, e não teve como contrapartida a homogeneização dos contextos onde a produção se localiza (ex China versus UE). O Mercado global, privilegiando a produção ao menor custo, provocou quer inviabilidades económicas de alguns agentes quer deslocalizações de outros e conseqüente aumento do desemprego. Assiste-se, neste enquadramento, a um nivelamento social pelos contextos mais desfavoráveis à condição humana, não conduzindo à valorização do ser humano.

Em síntese, o modelo económico deixou de ter o Homem como objectivo.

Confrontamo-nos, assim, com um cenário em que os políticos teorizam, uns sobre a equidade na distribuição da riqueza e outros,

sobre a eficácia na sua produção, raramente buscando a complementaridade das suas propostas.

Interrogamo-nos sobre as formas de governo e a competência e dedicação dos governantes ao bem comum.

Questionamo-nos sobre a independência dos meios de comunicação dos quais recebemos a informação.

Os cidadãos vêem perdidos direitos adquiridos e valores confiados ao estado para garantirem a reforma, defrontando-se com problemas de sobrevivência ou com o medo de os virem a ter.

Famílias vêem negados os seus meios de subsistência por ausência de trabalho.

Os jovens não vislumbram qual o caminho a empreender visando o seu futuro.

Assiste-se à destruição consistente e sustentada do planeta, com insuficiente divulgação de riscos (ex. exploração de gás de xisto).

As manifestações que despontam espontaneamente, em diversas partes do globo, esboçam

o surgimento de uma nova ordem social e económica.

É neste contexto que nos devemos interrogar sobre o nosso caminho.

A necessidade de sobreviver num mundo onde campeia a deterioração da moral pública, o triunfo da ética da miragem dourada, com a conseqüente procura exclusiva do bem-estar material e da super prosperidade, com a falência dos valores morais e espirituais, levamos a compreender como se torna difícil viver segundo os nossos estritos princípios morais e éticos.

Não é assim de todo injustificável o desalento dos nossos Irmãos e o ensombramento das suas mentes pela dúvida na eficácia, no actual contexto, quer na divulgação das nossas ideias e tradições, quer no nosso propósito último de contribuir para o desenvolvimento e felicidade do ser humano. Tal dúvida tem que ser vigorosamente afastada e substituída pela certeza da nossa capacidade na procura de caminhos que conduzam a uma contribuição efectiva para a sociedade, dando ao mundo ideias frutuossas das quais resulte o seu desenvolvimento sustentável.

Até agora ainda não demos uma resposta inequívoca a este objectivo.

A Ordem, numa vivência virada para o seu interior, tornou-se, para alguns, ao invés de se constituir como uma entidade de suporte das suas tentativas de obstar à decadência do mundo profano, um clube de convívio ameno, fraternal e dialogante, de pessoas de pensamentos consonantes, mantendo, assim, a sua forma, mas perdendo conteúdo.

A Maçonaria continua, no entanto, a afirmar-se como um oásis no mundo e nisso reside a sua força de apelo aos profanos que, descontentes com o estado das sociedades, nos procuram na busca de um ambiente no qual preside a moral, a ética, a defesa e a prática da democracia, o respeito pelos mais velhos (mais veneráveis entre nós), o escrupuloso atender a regras e tradições e o estrito cumprimento das leis internas e do país.

É neste enquadramento que devemos pensar a nossa actuação.

No momento em que a nossa sociedade atravessa um período de grandes sacrifícios e mesmo, para muitos, de dor, o REAA, em Portugal não pode ignorar tal facto e tem

o dever irrecusável de agir de acordo com os seus princípios de amor à Nação e de promoção de felicidade dos cidadãos.

No quadro acima, apenas esboçado e largamente incompleto, não faltam campos em que o REAA deve reflectir e procurar soluções a bem das sociedades em que se insere.

Torna-se assim, para nós, imperativo, para além de aumentarmos significativamente a nossa disponibilidade para a solidariedade para com as nossas famílias, os nossos Irmãos e a sociedade que nos rodeia, o agir no seio da Ordem criando fóruns de discussão sobre modelos e formas de

- ✘ desenvolvimento sustentável
- ✘ organização social,
- ✘ segurança social,
- ✘ serviço de saúde,
- ✘ segurança civil,
- ✘ organização económica,
- ✘ combate à iliteracia tecnológica, económica e financeira,

dedicando-lhes trabalho árduo, cientes de que, entre nós, é o trabalho o principal elemento

de dignificação do homem.

A fim de se atingir uma maior eficácia das iniciativas, as mesmas deverão ser partilhadas, sempre que desejável e possível, com outras organizações, privilegiando-se as que nos são próximas ideológica e afectivamente.

Tenhamos sempre presente que o trabalho maçónico se reflecte na sociedade apenas por uma acção mais esclarecida dos maçons. A Ordem, qualquer que seja o agente, não emite opiniões ou orientações sobre assuntos profanos, apenas exigindo a cada maçom que tenha o comportamento de um homem de bem. Ordem onde, recorde-se, os graus e cargos devem ser aceites com humildade e traduzem, sempre e apenas, obrigações acrescentadas.

Estou certo de que a semente cairá em solo fértil e que os Irmãos, partilhando visão idêntica, porão o seu empenho na busca e persecução destes objectivos não só como meio de elevar o debate interno mas também para, ao servir os Homens neste mundo em mudança, justificar, a nossa própria razão de existir.

Se sempre fazemos o mesmo,
não pretendemos que as coisas mudem.

A Crise é a melhor benção que pode ocorrer
para as pessoas e para os países,
porque a crise traz progressos.

A criatividade nasce da angústia,
como o dia nasce da noite escura.
É na crise que nascem as invenções,
os descobrimentos e as grandes estratégias.
Quem supera a crise,
supera-se a si mesmo sem ficar “superado”.

Quem atribui à crise os seus fracassos e penúrias,
violenta o seu próprio talento
e respita mais os problemas que as soluções.
A verdadeira crise é a crise da incompetência.

O fracasso dos países e das pessoas
é a esperança de encontrar saídas e soluções fáceis.

Sem crise não há desafios,
sem desafios, a vida é uma rotina, uma lenta agonia.
Sem crise não há mérito.
É na crise que se aflora o melhor de cada um.

Falar de crise é promovê-la,
e calar-se sobre ela é exaltar o conformismo.
Em vez disso trabalhemos arduamente.
Acabemos de uma vez
com a única crise ameaçadora,
que é a tragédia de não querer lutar para a superar.

Albert Einstein

Nilira-8

Baptista



UMA BRISA DE OUTONO

A GEOMETRIA SAGRADA EM LUÍS VIEIRA-BAPTISTA

POR A. PAIVA

Apresenta-se nesta revista uma série de quadros de Luís Vieira-Baptista pertencentes à temática relacionada com a Geometria Sagrada e foi apresentada ao público, nomeadamente, na Universidade Lusíada, em Lisboa, em Outubro de 2011, na exposição “A Pintura e a Matemática”.

Os textos que os acompanham são do pintor. As restantes ilustrações despertadas são por menores dos quadros incluídos.

Este tipo de pintura esteve sempre presente na obra de Luís Luís Vieira-Baptista, embora desta vez a abordagem tenha sido diferente, pois foi enfatizada a construção geométrica como elemento principal da temática dos quadros. Além do mais, este desafio levou o autor a utilizar, como metáfora, os parafusos como pontos de construção.

Pretendeu-se assim, com esta originalidade, “unir” os dois mundos onde se processa a acção: a Terra e o Cosmos.

Luís Luís Vieira-Baptista começou a expor individualmente em 1975, no Casino Estoril, e desde aí que a sua actividade não parou.

Como muitos artistas portugueses fizeram,

também ele teve que sair de Portugal, tendo trabalhado na Suíça, entre 1985 e 1990.

Estes desafios levaram-no a criar um estilo próprio que intitulou de Visionismo, sendo apresentado pela primeira vez numa exposição /performance de pintura e escultura em Lisboa, no Convento do Beato, e em Nova Iorque, na Jadite Galleries, em 1991.

Em 2003, conclui uma escultura pública de grandes dimensões edificada em Oeiras, junto à avenida marginal, onde homenageou os homens do mar (Luís Luís Vieira-Baptista foi Oficial Náutico na Marinha Mercante, desempenhando as funções de piloto – 1973/1979).

Por este facto, foi condecorado pela Câmara Municipal de Oeiras com a medalha de mérito, grau ouro.

Está concluído um novo livro/álbum sobre as obras deste autor, “A Viagem Misteriosa”, e aguarda-se para breve a sua publicação.

Para saber mais sobre este artista pode-se visitar o seu sítio na NET, em www.luisvieira-baptista.com. ou consultar a edição monográfica “Visionismo ou as Sincronias do Acaso”, Hugin Editores, 2000.



SOBRE A MEDIDA

GEOMETRIA SAGRADA: UMA INSPIRAÇÃO

POR LUÍS VIEIRA-BAPTISTA

Há chamamentos, na vida, que não se justificam: aceitam-se.

Este aceitar encerra uma forma de estar muito presente nas minhas acções e que se tem revelado extremamente apaziguador para resolver conflitos de ordem interna, pois não questiona nem compara.

Tal como Fernando Pessoa escrevia impulsivamente sem racionalizar, também eu procuro, à minha maneira, transpor para um suporte o que me vai na alma ou o que o meu coração dita; o poeta dizia “aconteceu-me um poema”, eu digo: aconteceu-me uma pintura. Se esta pintura aborda um tema subliminar, agarro-o logo que se me revela e só o largo quando lhe dediquei toda a minha atenção. Aconteceu assim com a Geometria Sagrada.

Geometria quer dizer medição da Terra e

Geometria Sagrada subentende o estudo da ligação entre as proporções e as formas contidas, tanto no micro como no macrocosmo, com o propósito de compreender a unidade que permeia toda a vida.

É que essa unidade é palpável, se calhar até mais palpável do que parece, pois encontramos as suas características disseminadas em tudo o que existe e, quem sabe, digo eu, também no que não existe.

Não sou científico nem sequer matemático. Considero-me um concretizador de ideias, expressas através de uma forma artística, de forma a preencher uma parte da minha personalidade que precisa desta meio para se completar.

A plasticidade da minha obra encontra diversas formas de apresentação, indo desde a rep-

representação bidimensional, típica da pintura, até à concretização de esculturas vocacionadas para sítios públicos, devido à sua escala, e ao aproveitamento de objectos, ready made, para a obtenção dos meus fins. Nas peças com o tema aqui desenvolvido, a utilização de parafusos serviu o meu propósito de os utilizar como metáfora, como o elo de união entre o tal micro e o macrocosmo, entre as aplicações terrenas e as verdades universais. Reuni assim, no mesmo trabalho, a bi e a tridimensionalidade.

A Geometria pode ser pensada como sendo a descrição gráfica do Universo, pois pode ser expressa através da forma, do comprimento, da profundidade e do conteúdo. Pitágoras foi mesmo mais longe ao dizer que o próprio Universo se expressa através de números. Eu acrescento que os números, a invenção mais importante da humanidade a par com a escrita, ajudam a compreender e a aceitar o todo, permitindo-nos descodificar as leis por que nos regemos.

Nesta minha série de quadros, debrucei-me sobretudo na construção geométrica denominada “VESICA PISCIS”, pois aí encontrei o princípio onde sinto que tudo começou, desde o início da Vida até às suas diversas manifestações, incluindo o Cubo de Metatron, onde estão inscritos os sólidos platónicos, aos conceitos de Proporção Áurea, o Phi, à sucessão de Fibonacci, etc.

Vesica Piscis é a forma que resulta da intercepção de dois círculos com o mesmo raio,

fazendo com que cada centro do círculo também esteja na circunferência do outro.

O nome significa literalmente ‘bexiga de peixe’, em latim. Não deixa de ser curioso que esta associação ao “peixe” apareça também no acrónimo que resulta da sua tradução para o grego e que nos permite escrever a palavra Jesus. É por isso que até aos dias de hoje se associa a Jesus o símbolo do peixe, feito pela Vesica. Este símbolo é tão persistente no imaginário colectivo ocidental que muitas pessoas ainda hoje o utilizam, aplicando-o na traseira dos seus veículos para anunciarem que são seguidores de Cristo, embora acredite que a grande maioria não se questione sobre o porquê desta imagem.

Os italianos também lhe chamam ‘mandorla’, ou seja, amêndoa.

Uma vez que a divisão celular das células estaminais se multiplica exponencialmente segundo o princípio da Vesica Piscis, não me surpreende que o simbolismo das Amêndoas da Páscoa, época que inicia o princípio da abundância e da multiplicação, possa ter sido resgatado do seio da tradição hermética inscrita na Geometria Sagrada, camuflado com a apetência intrínseca que os doces provocam no ser humano, alimentando-o com o ingrediente principal do Pantagruel divino e proporcionando aos crentes o renascimento espiritual...

Nas peças deste série e fugindo à representação tradicional do esquiço geométrico, utilizei

parafusos de aço como pontos auxiliares de construção, até porque o parafuso tem como finalidade unir, o que neste caso, devido à natureza do tema, se pode revelar como sendo metafórico.

Tentei, com este recurso, dar ênfase ao que não se vê, ao esqueleto da obra, pois ela é a parte escondida, o vestígio, um rasto que se adivinha, o Éter que surge como o quinto elemento por baixo da pintura, embora muitas pessoas não se apercebam de que existe mesmo.

Elevei o esqueleto à condição de pele, mas tentei manter-lhe a Alma, ou seja, desenvolvi o tema num berço visionista, sendo que Visionismo é o princípio estético por mim criado, e que identifica o meu trabalho nos últimos vinte e cinco anos.

A construção da obra inspirada na Geometria Sagrada, por estar aferida com o todo, provoca-me sempre uma grande serenidade, sendo o processo criativo tão natural como a minha respiração ou o batimento cardíaco. Não luto, entrego-me.

Os orientais chamam ‘Mandalas’ a este processo. Mandala é a palavra que, em Sânscrito, significa círculo, ou seja, uma representação geométrica que enfatiza a dinâmica da relação entre o homem e o cosmos. De facto, todas as Mandalas são a exposição plástica do retorno à unidade pela delimitação de um espaço sagrado e à actualização de um tempo divino.

É interessante notar que, nas sociedades primitivas, o ciclo cósmico era representado com uma imagem de uma trajectória circular e era identificado como sendo o ano. É este simbolismo que é usado na arquitectura dos templos e que evocam tanto a santidade como a eternidade. Uma vez que o seu plano arquitectónico deve ser inspirado pela obra em que se baseiam, o seu centro evoca o lugar mais sagrado, aquele que está livre de toda corrupção terrestre.

Daí a associação dos templos à função que eles exercem como sendo lugares de ligação entre a Terra e o Céu. Na Europa, as catedrais do período gótico ilustram bem este exemplo, reforçado pela presença de janelas com vitrais em forma de rosácea, também ela construída segundo padrões inspirados na Geometria Sagrada, fronteira entre o mundo da Luz, do Cosmos, com os humanos. Também está bem representado no oriente: o templo de Borobudur, na ilha de Java, Indonésia, é o seu ex-libris.

Essas relações de forma e proporções consideradas sagradas na geometria, também ocorrem de forma idêntica noutras áreas da expressão humana, como, por exemplo, na arquitectura ou na Música. O estudo dos harmónicos, por exemplo, há muito tempo que fascina os compositores e os amantes da música em geral, o que nos remete para a expressão “A Harmonia das Esferas”...

Mozart, em “A Flauta Mágica”, deixou-nos esta frase.

‘Graças ao poder da música, caminharemos, alegres, pela noite sombria da morte.

Como a mesma harmonia que se encontra nos sons, nas formas e nas cores também se manifesta na natureza, faz-nos constatar que a Geometria Sagrada... é a linguagem mais próxima da Criação.

Reconheçamos então que essa união com o divino, com o sagrado, começa no ponto. Pensemos agora na interpretação do que é esse ponto e nas suas aplicações, quer no seu conceito literal do termo, quer no conceito de Geometria Sagrada. Será que há diferenças?

O ponto representa o elemento primordial, o ser, o uno antes da expansão do cosmos, antes do Big-Bang. Foi com ele que tudo começou. Mas para que dele tenhamos conhecimento temos de aceitar que, depois da criação, do tal Big Bang, houve expansão.

Essa expansão tem que ter, para que a compreendamos, um limite, e esse limite só pode ser representado por um círculo. Mas a percepção analógica da mente precisa de comparações para perceber as coisas. Só notamos a sua presença se o compararmos com algo, mas neste instante nada mais há para comparar senão o desdobramento desse círculo, num outro, e que, para que dele tenhamos percepção, o intersecta.

Como na unicidade não há mente, por ser esta apenas uma expansão oriunda da consciência, e sem mente não há percepção, logo não há

manifestação de existência no ponto. E como a mente é uma manifestação da consciência, dois torna-se na manifestação do próprio um.

É muito importante reter que a consciência é que origina a mente, e não o oposto.

Ou seja, tem que haver descontinuidade para se tornar perceptível, senão não saímos do uno, do ponto. E quando isso acontece há percepção e, havendo percepção, há mundo.

Podemos mesmo dizer que o mundo é um somatório de percepções e que a criação surge da união de dois círculos.

Ao haver descontinuidade, surge-nos a possibilidade de considerarmos como válida a ideia de poderem existir muitos mais universos, dependendo da tal duplicação atrás referida ser feita ou não, segundo o princípio da Vesica Piscis, construídos com raios iguais e centro na circunferência.

As diferentes intercepções geram diferentes universos. Embora reconheçamos que, teoricamente, eles possam existir, tudo o que conseguimos observar é o que está aferido conosco, é a infinita multiplicação da Vesica Piscis no mundo que conhecemos!

E atenção, se eles não se interceptassem não haveria interacção recíproca, o que provocaria um nada absoluto, um espaço não existencial, impossível de ser compreendido pela mente.

Talvez seja aí que se manifesta o que chama-

mos de Matéria Negra ou a matriz divina. Em teoria tem que haver algo que preenche todo o espaço não visível do Universo, mas ainda não se descobriu o que é.

A natureza é o berço, no domínio autónomo, ou a tela do criador, se assim quisermos, em que o “Artista Primordial” utiliza uma acumulação de pontos com objectivos orgânicos.

A Geometria Sagrada é disso que se ocupa, proporcionando-nos a sua utilização para a solução de todos os problemas conceptuais que resolvermos abraçar. Nada é mais importante!

Estas formas naturais são, na realidade, corpúsculos espaciais, permitindo-nos considerar o mundo inteiro como sendo uma composição cósmica completa, ela própria construída com um número infinito de

composições autónomas cada vez mais pequenas e compostas, tanto no macro como no microcosmo, por pontos.

BIBLIOGRAFIA

The Power of Limits, de Gyorgy Doczi, ed. Shambhala, 1981.

A Proporção Áurea, de Fernando Corbalán, ed. RBA, 2010.

Almada e o Número, de Lima de Freitas, ed. Soctip, 1977.

A Espiral Dourada, de Nuno Crato, Carlos P. dos Santos e Luís Tirapicos, ed. Gradiva, 2006.

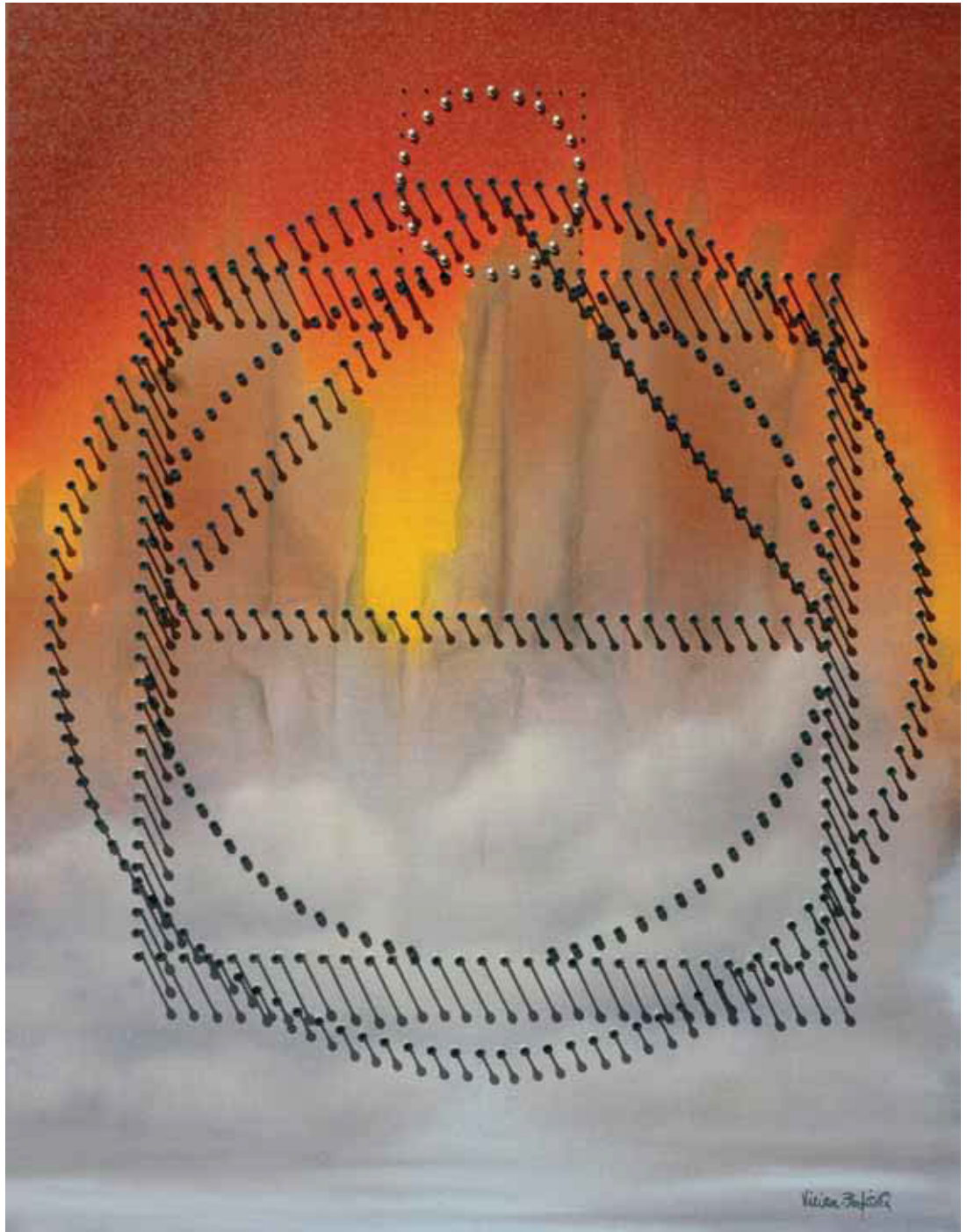
A Matriz Divina, de Gregg Braden, ed. Sinais de Fogo, 2010.



A TERRA, A LUA E A GRANDE PIRÂMIDE

*Esta peça leva-nos a uma conclusão fantástica:
o rácio do círculo inscrito no quadrado maior
e o círculo feito de tachas cromadas do menor
(no topo da pintura)
é o rácio da Terra e da Lua,
qualquer que seja a dimensão escolhida
para esta representação geométrica.*

*O triângulo obtido nesta composição
também tem algo de especial:
é um triângulo isóscele
com dois ângulos de 51° e $51'$,
iguais aos da grande pirâmide de Giza.*



Viktor Zolotarev

AS AVENTURAS DE PINÓQUIO

POR J. CUNHA-OLIVEIRA

No mundo profano, todos ouvimos falar de Pinóquio, o boneco, ou talvez bonecos, a quem o nariz cresce à medida das suas mentiras. Um nariz que, estando muito na moda, alguns autores da escola psicanalítica tendem a confundir, de forma simplista, com uma mera manifestação fálica. Por outro lado, o seu amigo Grilo Falante tem sido também objeto de interpretações simplistas, tornando-se, em certos meios, um protótipo do moralista hipócrita. Mas, tanto o nariz de Pinóquio como o Grilo falante, ainda que carregados de significado, são apenas uma parte menor das particularidades da estória do boneco de Geppetto.

Começa tudo pelo nome: Pinóquio. Este nome, no italiano toscano de Collodi – o autor da estória – significa “pinhão”, mas pode ser também uma palavra composta, onde entra “pin-“ e “occhio”, sendo que “pin-“ se pode referir a “pinheiro”, “pino” e pineal”, e “occhio” a “olho”.

Além disso, o narrador da estória explica-nos que o nome lhe foi sugerido por uma conhecida e vasta família de “Pinóquios”, da qual “o mais rico de todos pedia esmola”. Como não ver aqui uma R.:L.: maçónica com o seu Ir.: Hospitaleiro?

Quer dizer, o nome “Pinóquio” não é fruto do acaso ou da arbitrariedade literária. Assim como não é casual nem arbitrário o nome Mestre Cereja, que em italiano, “ciliegia”, pode ser um trocadilho com “cílios egípcios” – as pestanas egípcias, o olho de Hórus. Collodi, pseudónimo literário do verdadeiro autor, é ele mesmo significante: os “colódios” (collodi) são soluções viscosas de piroxilina numa mistura de álcool e éter, às vezes nalgum outro solvente, usadas principalmente em terapêutica ou em fotografia pré-digital. É neste último sentido que deve ser entendido o significado do pseudónimo, tanto mais que era esse o processo de obter fotografias

já no tempo de Collodi. Quer dizer, Collodi é, pois, alguém que mostra ou revela simultaneamente dois aspetos da mesma realidade, pois que uma característica importante dos colódios é a sua dualidade, o facto de simultaneamente serem positivos (quando sobre um fundo escuro) ou negativos (quando vistos à transparência). Tudo isto apesar de o autor ter atribuído a inspiração para o pseudónimo ao nome da terra natal de sua mãe. O que, curiosamente, é verdade também.

Mas vamos à estória. Tudo começa com uma canhota de “madeira”, um pedaço informe de uma substância primordial que em Latim se diz “materia” e que em Português deu as palavras “matéria” e “madeira”. Ora, os Mestres que trabalham a madeira (materia) chamam-se “carpinteiros” – como o são José da biografia corrente de Jesus menino, esse são José que emigra com toda a família para o Egipto, até que o filho faça 12 anos e se torne capaz, quando regressa à pátria, de discutir em pé de igualdade com os Mestres.

O primeiro dono daquele pedaço de matéria bruta (madeira), o Mestre Cereja ou Olho de Hórus, como vimos, era um carpinteiro, sim senhor, mas tinha o estranho passatempo de “ensinar a tabuada às formigas”. Que é como quem diz, iniciava os obreiros (as “formigas”) nas ciências da Matemática. Posso imaginá-lo na posição egípcia, sentado, com os braços colados ao tronco, as mãos poisadas sobre os joelhos, como os maçons. Podemos até imaginá-lo a brincar com os teoremas e paradoxos da aritmética e da geometria da ciência egíp-

cia, transmitida aos gregos da Idade Clássica.

Mestre Cereja, oferece a canhota de madeira a Geppetto, pai e criador de Pinóquio. E mais uma vez, o nome escolhido está longe de ser arbitrário. Geppetto é um diminutivo de

Giuseppe, José (o carpinteiro de Nazaré, o que emigrou para o Egipto – a pátria da Sabedoria superior). E as suas consoantes GPT apontam uma vez mais para o país do Nilo. Voltemos à estória: seria aquela canhota de madeira um simples pedaço de matéria bruta, fria, inanimada? Logo se vê que não: a canhota surpreende-nos porque geme, queixa-se, aplaude e até provoca uma luta de mestres. Moral da estória, é uma matéria bruta animada, capaz de potencialidades, de se transformar e evoluir. Pinóquio é um poço de boas intenções, animado de boa índole, mas é também irrequieto, traquina, mentiroso, estouvado, volúvel, influenciável e impulsivo. O nariz erétil, mais que um símbolo fálico ou um atributo dos mentirosos, é um sinal de alarme, que a cada momento lhe mostra a diferença entre as boas intenções e as forças ainda não domesticadas da sua natureza em bruto que o impedem de as por em prática. Tão depressa ouve o Grilo Falante da Consciência, como logo se esquece dos seus conselhos. Precisa de evoluir, crescer por dentro, pacificar-se, aperfeiçoar-se, domesticar-se, até ser um “menino a sério”. Mas para isso vai necessitar da proteção ou assistência do Gr.: Arq.:, personificado na figura da boa fada madrinha, que só no fim da caminhada o pode dotar da verdadeira vida.

Pinóquio tem de fazer a travessia da vida. Vai para a escola, que é como quem diz, vai em busca do Conhecimento. Mas depressa as tentações da vida se atravessam no seu caminho. É interrompido pela raposa e pelo gato, que o atraem para o fascínio dos bens materiais e da fama fácil. Deixa-se enganar no conto do vigário, julgando poder semear a árvore das patacas. Vende os livros que seu pai criador lhe havia comprado com a venda do próprio casaco. E com o dinheiro da venda dos livros compra um bilhete para assistir a um teatro de fantoches, acabando por fazer parte integrante do espetáculo. Uma vez mais, o fascínio da fama e do brilho enganador dos palcos do mundo profano.

Noutro momento da sua caminhada, Pinóquio é atraído para a ilha da felicidade, um lugar sem escola e sem leis, ou seja, sem conhecimento e sem moral, onde as crianças podem fazer tudo o que lhes der prazer - uma metáfora da vida “profana”, onde reina a gratificação imediata, a

satisfação dos impulsos, o hedonismo e o desprezo pelo conhecimento verdadeiro. Os rapazes dessa ilha, e com eles Pinóquio, acabam transformados em burros, isto é, em alguém que não consegue sair do reino da matéria.

Pinóquio volta para casa mas a casa está vazia. Descobre que Geppetto foi engolido por uma baleia. Em busca do pai, é ele também engolido pela baleia, nas entranhas da qual mergulha na escuridão da gruta iniciática, na câmara de reflexão, e, encontrando o seu Criador, se prepara para receber a luz espiritual.

Mais haverá a dizer sobre este livro fascinante, enganadoramente simples e divertido. Mas por hoje fico por aqui.

Ah! o autor da estória, Collodi, é o pseudónimo literário de Carlo Lorenzini, jornalista, escritor e maçom de Florença do século XIX, que tomou parte ativa no movimento de Independência e Unificação Italiana.



ÁRVORE DA VIDA
PROTEGIDA POR UMA VESICA PISCIS

*No Quênia, no Parque de Tsavo-Est,
existe uma árvore isolada,
que ao longo de incontáveis gerações,
tem servido de destino a milhares de animais
que a utilizam como um bem precioso
para a sua sobrevivência.
É conhecida como “A Árvore da Vida”.*

*Depois de a centrar no ponto onde tudo começa,
o centro da Vesica Piscis,
os parafusos que usei na minha tela estavam,
involuntariamente,
a negar o acesso àqueles que procuram
as suas benesses.
Tive, portanto,
de derrubar alguns desses parafusos
para continuar a permitir o livre acesso
à sua proximidade.*



DE ONDE VIEMOS? O QUE É O HOMEM? O QUE A MORTE FARÁ DE NÓS?

POR JOÃO A. DE OLIVEIRA E SILVA

Sobre estas interrogações, que se colocam diariamente ao homem, ocorreu-nos escrever um pequeno texto abordando, para reflexão, estas questões, mas por caminhos filosóficos de linguagem mais hermética que pensamos serem habitualmente menos utilizados, talvez pela densidade formal como estas correntes de pensamento filosófico propõem respostas. Embora não corresponda integralmente ao nosso pensamento a forma como vamos desenvolver algumas destas situações, reconhecemos que, esotericamente, merecem de todos uma atenta e aprofundada reflexão.

Começemos então por analisar a primeira questão. O caos foi a primeira época da matéria e de toda a existência corporal, retirado do nada e produzido por um acto de vontade do Criador, pelo que nem o universo nem mesmo a matéria caótica existiram anteriormente. O universo criado, filosoficamente conhecido como o grande Templo universal, é onde corpos, formas e princípios corporais contidos no espaço universal e todas as acções temporais,

sensivelmente se manifestam e permanecem. Os seres espirituais, princípios de acções secundárias, operam nesse universo com uma precisão e uma ordem invariável, a lei que receberam desde a origem das coisas temporais, onde todos os seres corpóreos que aí se encontram se manifestam segundo a sua natureza e durante a duração que lhes foi prescrita.

O Templo universal era de uma natureza estranha a qualquer operação infinita Divina, e o Criador que só o podia ter concebido no seu pensamento, ordenou aos seus agentes a sua construção, sem que isso tivesse sido determinado por uma causa oposta à sua unidade eterna (“*Deus vendo toda a sua obra considerou-a muito boa*” Génesis 1.31). Esta causa ocasional do universo o homem conheceu-a, pois em toda a obscuridade que parecia existir pôde ainda aperceber-se. O homem que ainda podia ter tido conhecimento de tudo se nada o tivesse separado da Verdade, encontrou-se sujeito pelo seu corpo a poder perceber apenas aparências ilusórias para os sentidos.

O Templo universal e todas as suas partes foram produzidos e conservados por agentes ou causas secundárias, responsáveis por manifestar a glória, a justiça e as leis do Criador sobre todos os seres, mesmo àqueles contrários à sua unidade. Estes agentes Divinos, que pela sua natureza deviam somente exercer a sua acção no seio da perfeição e da eternidade, foram, desde logo, sujeitos a uma acção temporal, pela revolução que as diversas épocas de prevaricações produziram na natureza espiritual; perderam então temporariamente a posse perfeita da unidade que era seu apárgio, sem, no entanto, deixarem de admirar através do seu amor e da sua vontade. Este estado deverá durar até ao momento da justiça Divina estar realizada, quando alguns dos seres culpados aproveitarem o trabalho desses agentes e dos meios de conciliação que lhes foram concedidos, para serem outra vez reunidos na lei da unidade eterna.

A violência que ocasionou a criação do universo mantém a existência por uma contracção perpétua que nele se observa entre o bem e o mal, moral e físico, contracção que anuncia a existência de duas causas permanentemente em oposição. Portanto, não pode ser o local da morada da unidade eterna que o criou, que o domina, que o vivifica e o mantém para cumprimento das suas leis. Por isso, é estranho à sua imensidão que não tem limites nem espaço, porque a sua eternidade não tem começo nem fim e a sua pureza não permite nada de impuro. Por fim, a sua própria natureza, sendo o bem por excelência, não pode coabitar com o mal.

Estas duas causas opostas que agem no universo não são iguais, embora ambas pela sua essência tenham uma acção infinita. A acção infinita é aquela a que pertence para a eternidade toda a criatura espiritual segundo a sua classe. Esta acção inseparável da sua existência nunca podia ser removida sem destruir a obra da própria Divindade. Por isso o Criador pôde, através dos seus agentes, impedir os efeitos e confiná-los a limites infinitamente estreitos. Isto aconteceu com todos os seres espirituais que quiseram usar as suas faculdades contra a lei Divina, e particularmente contra o homem no momento da sua prevaricação.

A diferença existente entre as duas causas está em que a primeira causa tem a sua acção no seio do Criador e implanta o infinito do seu poder sobre tudo que existe, nada podendo escapar à sua acção universal sem limites. Opera, por um lado, em unidade com todos os agentes e poderes do Criador, e, por outro, exercendo o poder sem obstáculos sobre todos os seres em privação Divina. A segunda causa mostra que desde a degradação transporta nela e fora dela todos os horrores do caos, da confusão e da morte, mas não consegue penetrar até à essência dos seres espirituais. A sua acção impura só pode estender-se sobre os seres receptivos aos seus ataques, tal como a Luz dissipa as trevas, mas as trevas jamais afectarão o seu brilho (“*et tenebrae eam non comprehenderunt*”).

Estas são as diferenças principais existentes entre as duas causas temporais universais.

A duração deste combate está fixada por lei Divina, assim como o lugar onde se opera. Quando os tempos de misericórdia estiverem cumpridos, a causa superior provará o seu Poder algemando para sempre a causa original da desordem e do caos, pois a acção dos seres espirituais é infinita e não pode ser destruída, embora a sua vontade possa ser modificada. Por conseguinte, o universo é um lugar estranho à unidade eterna, mas santificado por agentes responsáveis que aí manifestam a bondade e a justiça do Criador, mesmo àqueles que estão detidos em privação Divina por terem aderido à causa do mal e da desordem.

Deste modo, o desafortunado homem de que falamos está privado de toda a acção eficaz contra os puros seres espirituais, pois o seu poder é sempre ineficaz quando deseja opor-se à própria lei que o constituiu, isto é, contra a própria natureza do Poder Espiritual Divino. Então, a sua acção perversa é contida e nunca a emprega sem sentir o tormento dos obstáculos, juntos a uma vontade desenfreada. A sua força não pode estender-se para além dos limites estreitos que lhe estão prescritos. Porque, não importa como, este ser perverso e seus agentes recusaram-se a admitir o seu crime e a sua inferioridade; o seu poder só podia contribuir para seu próprio sofrimento.

O Princípio Universal é o agente criador de tudo que existe dentro e fora do universo e da imortalidade da alma espiritual. Foi olhado muitas vezes como um princípio fictício, e as pessoas não acreditavam nos agentes poderosos e activos colocados na natureza para

velarem por todo o ser Divino em privação, bem como para governar ou produzir formas gerais e particulares dos indivíduos materiais. O universo criado, filosoficamente conhecido como o grande Templo universal, como já vimos atrás, é o lugar onde os seres espirituais, princípios de acções secundárias, operam com precisão e numa ordem invariável, a lei que receberam desde a origem temporal; contudo, é ainda onde os seres corpóreos se encontram mantidos e se manifestam segundo a sua natureza, durante o tempo de duração que lhes está prescrita.

Entretanto, não devemos confundir a eternidade e o infinito de Deus com a eternidade e o infinito dos seres espirituais emanados de Deus, pois a eternidade e o infinito Divino existem em si mesmo, não tem limites, nem começo nem fim, enquanto os seres espirituais recebem do Criador a eternidade e o infinito de que desfrutam começou com a sua existência individual.

O Criador, princípio único e eterno de todos os seres, é a fonte de vida, é a própria vida e todos os seres vivem somente através Dele, pois teve sempre a sabedoria, a vontade e a acção. Estas três faculdades indivisíveis formam Nele a perfeita unidade, e por isso, Deus como princípio absoluto de todos os seres é Um por essência.

A diferença entre o infinito Divino e Eterno e o infinito Criado está no homem ser uma unidade particular com semelhanças com a unidade Divina, e tal como esta manifesta os

seus poderes pelas três faculdades que lhe são inatas, constituindo assim a verdadeira imagem Divina. Portanto, é através da emanação imediata Divina que o homem e todos os seres espirituais adquirem a eternidade futura e o infinito da sua acção, ainda que limitado nos efeitos, quando esses seres deixarem de se manter ligados à unidade da acção Divina.

O Criador apenas ordenou os trabalhos temporais do universo por seis dias (*“Deus vendo toda a obra considerou-a muito boa. Assim surgiu a tarde e em seguida a manhã: foi no sexto dia”*, Génesis 1.31). Mas quando se tratou do homem, a acção do Criador foi claramente expressa, pois para este acto da produção Divina invocou o seu conselho e todos os seus poderes dizendo: que isto se faça e imediatamente foi feito (*“ façamos o ser humano à nossa imagem e à nossa semelhança”*, Génesis 1.26).

Se o Criador, princípio único de vida, que basicamente a dá a todas as suas produções, tivesse operado directamente a criação do universo, resultaria que este seria eterno para sempre tal como o Criador, porque aquele que é a própria vida não pode criar a morte, pois nada que venha directamente Dele pode alguma vez deixar de existir.

Analisemos, pois, agora o que é o homem, ser inteligente e ser corporal animal, reunindo em si próprio essas duas naturezas opostas. O homem enquanto ser intelectual e espiritual é uma emanação directa e imediata da Divindade de quem é a imagem e semelhança (*“Depois Deus disse: façamos o ser humano à nossa*

imagem e semelhança para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”, Génesis 1.26) e, tal como a Divindade, pensa, quer e age. E tendo origem na própria essência Divina, participa de todas as virtudes e poderes Nela contidos. Dizemos que participa, pois apenas as pode possuir num grau bastante inferior à sua origem. Do ser que é, que foi e será, e de Quem veio toda a existência, o homem adquiriu uma vida para sempre indestrutível. Do seio de todo o poder, perfeição e infinita inteligência nasceu poderoso, perfeito e inteligente. Um ser perfeito, poderoso e inteligente é aquele que pela sua acção de ser espiritual opera e age voluntariamente em unidade com o Criador, e em conformidade com as leis e a extensão das faculdades que recebeu do Criador. Assim, não poderá haver qualquer imperfeição no ser espiritual até ao momento em que cesse de estar em unidade com o Criador e em conformidade com as suas leis. A partir de então cessa de ser perfeito e a sua vontade encontra-se em oposição à lei imutável que o constituiu. Deixa também de ser poderoso, pois limites impenetráveis separam-no dos seres sobre os quais devia exercer o seu poder e, enfim, não é mais inteligente, pois fica privado de todo o conhecimento espiritual Divino.

O homem foi, pois, o último acto e o mais perfeito da criação temporal (*“Então Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo”* Génesis 2.7). Foi colocado neste

universo para dirigir os agentes em nome do Criador que lhe havia dado o ser; e foi, no sétimo dia, chamado o dia do repouso, que recebeu a prova da sua missão e extensão do seu domínio (“*Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido nesse dia que repousou de toda a obra da criação*”, Génesis 2.3). Todos os agentes que deviam operar com ele nesse espaço universal receberam também um poder gradual relativo à sua missão particular.

Contudo, o homem recebeu a plenitude desses poderes, porque, tendo sido criado superior sobre toda a natureza espiritual, foi revestido de uma forma incorruptível para manifestar a sua acção sobre todos os seres em privação, que aí se encontravam submetidos a invólucros corporais, e sobre todos os agentes do universo encarregados de participarem sob as suas ordens na obra que lhes havia sido confiada. O homem tinha vindo ao universo com a missão de ser o instrumento especial da Justiça contra os culpados e da Clemência que os pretendia recuperar. Mas o poder do homem sobre todos esses seres era tão grande e eficaz que se deslumbrou, ao ponto de querer utilizá-lo como se tivesse sido ele o criador da sua própria acção.

Com efeito o homem era grande, forte e poderoso, mas imaginou-se maior, mais forte e ainda mais poderoso, enfim, abusou de uma maneira ímpia dos dons que tinha recebido e acabou por perder a capacidade de usá-los. A forma pela qual devia manifestar a sua acção temporal foi transformada num corpo material corruptível, com o qual passou a viver

arrastando-se pela superfície da terra. Esse corpo material tornou-se uma barreira impenetrável, que o separou de todos os seres espirituais sobre os quais a sua acção devia estender-se, e, deste modo, morreu intelectualmente privado dos seus direitos originais e suspenso do uso dos seus poderes. A morte intelectual de que falamos relaciona-se com o facto de o homem ter sido destinado pelo Criador para manifestar todos os poderes Divinos no universo, a fim de glorificar o Eterno na presença de todos os agentes espirituais Divinos e combater o princípio do mal e todos os seus discípulos, devendo ainda para estes últimos passar a ser um meio eficaz de reconciliação e de retorno à unidade eterna.

A grandeza da origem do homem e a sua degradação resultam do contraste entre os limites das suas faculdades sensíveis e a extensão das suas faculdades intelectuais.

O ser inteligente que constitui o homem é espiritual e imortal, mas os corpos, a matéria, os animais, o próprio homem como animal e todo o universo criado devem ter somente uma duração temporal momentânea. Deste modo, todos estes seres materiais perecerão e dissipar-se-ão totalmente, pois são apenas produtos de acções secundárias, nos quais o Princípio único de toda a acção viva participou, através da própria vontade que ordenou os actos.

Essencialmente o homem é dotado de acção espiritual sem limites, mas que acaba por ser limitada e quase sempre ineficiente, pois os

órgãos pelos quais deve manifestar esta acção não lhe permitem exercê-la em toda a extensão da sua vontade, embora esteja convencido da sua superioridade natural, submetendo à sua acção todos os seres que o rodeiam.

Assim, o homem que podia ter conhecimento de tudo se nada o tivesse separado da Verdade, encontra-se sujeito, pelo seu corpo, a perceber apenas aparências ilusórias para os sentidos. Tem imensas faculdades, mas encontra-se privado de usá-las, por estar afastado dos verdadeiros seres do Universo sobre os quais devia manifestá-las, pois os objectos de que se apercebe são finitos e limitados, não apropriados para um ser que só o infinito podia satisfazer. Deste modo, os direitos primitivos do homem e a sua degradação tornaram-no indigno de se aproximar do Santuário da Verdade. Apenas através da iniciação, o homem tinha o único caminho que podia conduzi-lo ao seu estado primitivo e restaurar-lhe os direitos perdidos.

Se o homem se tivesse conservado na pureza da sua primeira origem, a Verdade teria sido oferecida ao seu olhar sem véus, pois o homem foi criado para contemplá-la e prestar-lhe uma contínua homenagem. Mas, desde que lamentavelmente desceu para uma região oposta à Luz, foi a própria Verdade que o recusou. Basta olhar o homem imediatamente após o nascimento, quando começa a beneficiar de uma perceptível luz e os progressos são lentos e dolorosos; os anos passam e apenas tem uma ideia superficial dos objectos que lhe impressionam os sentidos, e só

penosamente e persistentemente aprende a conhecê-los. As ilusões dos sentidos e os costumes errados seduzem-no. Não consegue separar a Verdade do erro, e se descobre algumas réstias de luz, é apenas libertando a inteligência de tudo que lhe é estranho. Podemos considerar a primeira iniciação do homem fundada na degradação exigida pela Natureza. Esta degradação do homem é o único fundamento de toda a iniciação natural, humana e religiosa, mas seria um erro considerarmos apenas no homem essa sua natureza material.

Procurando agora uma resposta para a terceira questão sobre o que a morte fará de nós, diremos que o homem tendo-se tornado passivo como ser pensante e inteligente, tornou-se sujeito à morte corporal, porque toda a forma de matéria deve infalivelmente destruir-se e decompor-se. Esta é a alteração da primeira forma do homem.

A forma primitiva do homem mudou de natureza após o seu crime, mas a representação aparente desta forma não mudou, pois havia sido originariamente determinada nos desígnios do Criador para ser uma imagem viva do Templo universal. O acto desordenado do homem primitivo influenciou os seus descendentes, e pelo seu crime todos os homens ficaram ligados a corpos de matéria e submetidos às terríveis consequências de semelhante união.

O Criador é a origem de todo o Bem, Paz e Amor e só Nele se encontra a unidade, a harmonia e o acordo perfeito entre todos os

seres. Os corrompidos e degradados da sua pureza primitiva ficam necessariamente privados do Criador, pois neste estado de alienação, de dor e confusão não sabem aproximar-se Dele. Deve admitir-se, portanto, que Deus não é a causa dos sofrimentos do homem, porque o havia criado puro, perfeito e feliz, para estar de acordo com a sua Lei (Adam Kadmon) e ser o chefe de uma posteridade de seres espirituais.

O homem primitivo afastou-se da Lei e da Aliança Divina atacando o reino da unidade eterna por actos contrários a esta unidade, e desta contradição nasceram todos os males. O homem sentiu o tormento entre o poder da sua vontade e o poder da Lei Divina, lei cuja marca jamais poderia ser apagada do seu ser espiritual, e, nesta luta interior, perdeu a paz que constituía a sua essência como ser espiritual puro. Então, este homem infeliz sentiu todo o horror e todo o peso do seu crime e sentiu a dor de ter como único guia a sua vontade tenebrosa e desordenada. Para se compreender o estado de sofrimento a que foi reduzido, o poder que estendia sem obstáculos sobre toda a natureza temporal foi subitamente abandonado aos efeitos dos seres mais opostos. Como ser espiritual, encontrou, na sua própria essência, o combate violento entre a sua vontade e a Lei Divina e, como ser material animal, estava ciente da oposição entre estas duas naturezas.

No excesso do seu infortúnio, reconheceu e confessou o seu crime, e pela sua confissão recebeu poderosos socorros, os quais

transmitiu aos seus descendentes. Por isso, nenhum dos filhos do homem experimentou nesta terra os terríveis tormentos que sofreu antes do arrependimento. No estado de privação em que o homem se encontrava não poderia operar a reconciliação e ser restaurado no seio da perfeição donde recebeu a vida, se a Misericórdia infinita não lhe tivesse enviado fortes e poderosos agentes, para lhe fazer sentir todo o horror da sua situação e trazê-lo de novo para suplicar a bondade do Criador.

Todas as relações entre a Misericórdia Divina e os culpados haviam sido destruídas e a infelicidade do homem seria incomensurável, se esta Misericórdia não tivesse usado um Redentor infinitamente poderoso, para levantar o homem da sua queda e restaurá-lo no seu primeiro destino.

Esse agente poderoso veio ao Templo universal manifestar a sua acção vitoriosa sobre os culpados e a favor dos descendentes do homem, unindo a sua Divindade à humanidade, e desta forma, manifestando-a por todas as regiões do universo.

No universo tudo é vida. O mais pequeno grão de areia tem o seu princípio vital sem o qual cessaria imediatamente de ser e se reuniria à magia invisível dos elementos de onde proveio. Este princípio vital, existindo separadamente do corpo ao qual estava unido, junta-se no corpo material e é somente por esta junção que o indivíduo existe na sua forma individual. Mas logo que o princípio de vida pas-

siva e passageira que mantinha estas partes em união é suprimido, este corpo fica abandonado e na falta de ligação tende rapidamente para a decomposição e dissolução final. Então, os elementos, os princípios e as misturas de que era formado regressam sucessivamente ao seu princípio. Aquilo que se passa com os corpos particulares aplica-se igualmente ao universo criado. Quando o tempo prescrito para a sua duração aparente estiver cumprido, todos os princípios de vida gerais e particulares serão retirados para se reintegrarem na sua fonte de emanção. Os corpos e a matéria total sofrerão uma decomposição súbita e absoluta para se integrarem na massa total dos elementos, que por seu turno se reintegrarão nos princípios simples fundamentais, e como estes serão reintegrados também na fonte primitiva secundária, que tinha recebido o poder de produzi-los.

Esta reintegração final e absoluta da matéria e dos princípios de vida que suportam e conservam a aparência será tão imediata como foi a sua produção. O universo inteiro também se dissipará tão subitamente, assim que a vontade do Criador se fizer ouvir, de maneira que nenhum vestígio restará, tal como se nunca tivesse existido.

Para terminar, esperamos com este brevíssimo texto termos muito sumariamente apresentado para reflexão algumas propostas de respostas para as interrogações em causa, no âmbito desta filosofia esotérica em que nos baseamos.

BIBLIOGRAFIA:

Amadou, Robert, “Les Leçons de Lyon aux Elus Coëns”, Dervy, Paris 1999.

Ambelain, Robert, “La Franc-Maçonnerie Occultiste et Mystique”, Niclaus, Paris 1966.

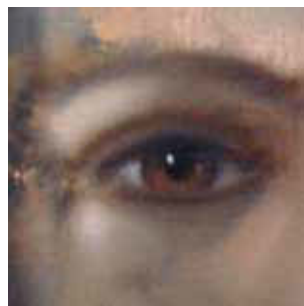
Biasi, Jean-Louis de “Le Martinisme les Serviteurs Inconnus du Christianisme, SEPP, Paris 1997.

Joly, Alice, “Un Mystique Lyonnais et les Secrets de la Franc-Maçonnerie”, Demeter, Paris 1986.

Nahon, Michelle “Martinès de Pasqually”, Pascal Galadé, Paris 2011.

Pasquallys, Martines de “Tratado da Reintegração dos Seres Criados”, Edições 70, Lisboa 1979.

Vulliaud, Paul “Joseph de Maistre Franc-Maçom”, Archè, Milano



CARDUME DE VESICA PISCIS

*Como já referi,
o peixe tornou-se um símbolo secreto
referente a Jesus
e que servia para identificar
(ainda em uso nos dias de hoje)
ou para guiar os seus seguidores,
sobretudo na época anterior a Constantino
quando, como se sabe,
ser-se cristão dava azo a perseguições
que culminavam na sua execução sumária,
muitas vezes devoradas pelas feras
em espectáculos para entreter os romanos.
Este símbolo está desenhado em algumas catacumbas
espalhadas por Itália e,
como podem constatar pela sua construção,
é feito utilizando o recurso à Vesica Piscis,
destacando-se para o efeito
a parte que se assemelha ao peixe.*



FUNDIÇÃO, FOGO, FERRO, E PEDRA

POR GONÇALO RIBEIRO

Este ensaio tem como objetivo desafiar um pouco a mente falando de quatro palavras que em muito se complementam e que, no dia-a-dia profano a que me submeto, com elas me deparo constantemente.

Essas palavras são Fundição, Fogo, Ferro e Pedra. Esse será pois o tema desta texto, tentando fazer uma ligação com a Maçonaria e a lenda de Hiram, tentando conjugar com uma primeira busca de conhecimento.

Como mencionou Oswal Wirth,

“Aquele que crê possuir a verdade
Não se preocupa em procurá-la,
Da mesma forma que o justo satisfeito
Com a sua virtude negligência o
Seu aperfeiçoamento moral...”

FUNDIÇÃO

A fundição vem-nos referenciada na Bíblia em diversos capítulos, mas segundo esta, Hiram, o fundidor, fora chamado com a missão de fundir o mar de Bronze do templo de Salomão na presença de Balkis, rainha do Sabá, e do povo de Israel.

Hiram era conhecido na época como sendo um homem cheio de sabedoria e de ciência para fazer toda a obra de cobre, e em Reis I, em 7.13 e 7.14, podemos observar o chamamento de Hiram: “...e enviou o rei Salomão, e mandou trazer a Hiram de Tyro...,” bem como em 7.14, a sua descendência “ Era este filho de uma mulher viúva da tribo Naphtali e fora seu pai um homem de Tyro que trabalhava em cobre...”

Toda esta fundição e clara definição das colunas do templo é nos documentada mais adiante a partir de 7.15: “... porque formou duas colunas de cobre... e também fez dois capitéis de cobre... assim fez as colunas, juntamente com duas fieiras em redor sobre uma rede, para cobrir os capitéis que estavam sobre a cabeça das romãs...” e, em 7.21, temos uma menção significativa às colunas do templo, e cito, “... depois levantou as colunas no pórtico do templo; e levantando a coluna da direita chamou o seu nome Joachim; e levantando a coluna da esquerda chamou o seu nome Boaz.”

Esta descrição de todo o templo mantém-se até 7.50 e em II Crónicas, 4.2, descreve-se o mar da fundição.

Ora tanto como nos é dado a conhecer na lenda de Hiram, Benoni surpreendeu três funcionários a tentar sabotar o molde, advertindo Salomão. Ao ignorar o aviso que lhe tinha sido comunicado por Benoni, Salomão não alertou Hiram e ao ocorrer o romper da greida calcinada que obstruía o orifício por onde iria jorrar o magna em fusão, toda a obra se desfez ao olhar de todos.

Só por curiosidade, Benoni, em hebraico “*Ben Onam*”, significa filho da dor, e era considerado filho espiritual de Hiram. Segundo a lenda, Benoni, ao ver toda a situação criada e envergonhado por não ter avisado Hiram pessoalmente, lançou-se no canal incandescente, desaparecendo no mar de fogo.

Voltando à lenda, uma das descrições que nos

é oferecida no livro de Robert Ambelain “A Franco-Maçonaria”, é a de Hiram desolado com a sua obra e o posterior aparecimento de Tubalcaim:

“... Pouco depois, encontra-se Hiram abandonado por todos, observando a sua obra destruída, eis quando de um cadinho incandescente nas trevas da noite, se elevou uma sombra luminosa. Seu busto gigantesco está recoberto por uma dalmática imaculada. Os braços nus ornados de argolas de ferro; a cabeça bronzeada ostenta uma barba quadrada, trançada e frisada em muitas carreiras: o crânio está revestido por uma mitra de prata dourada, e ele traz na mão um martelo de ferreiro.

Seus grandes olhos brilhantes baixam sobre Hiram com doçura, e num tom de voz suave que parece arrancado às entranhas do bronze, ele lhe diz:

— Anima a tua alma, levanta-te, meu filho. Vem, segue-me. Vi os males que se abatem sobre a minha raça e compadece-me dela.

— Espírito, quem és tu afinal?

— Sou a sombra de todos os teus pais, o antepassado dos que trabalham e sofrem. Vem...

— Onde estou? Como te chamas? Para onde me levas? disse Hiram.

— Para o centro da terra, no âmago do mundo habitado. Ergue-se lá o palácio subterrâneo

de Enoch, nosso pai, que no Egípto chamam Hermes e na Arábia é honrado sob o nome de Edris....

— Deuses Imortais! — exclamou Hiram — Então é mesmo verdade, tu és...

— Teu antepassado, homem, artista... teu mestre e teu patrono, Tubalcaim.

Arrebatado como num sonho às profundezas da terra, Hiram ouviu da própria boca de Tubalcaim, o essencial da tradição dos Cainitas, esses ferreiros mestres do *Fogo*”.

FOGO

Não deixa de ser curiosa toda a ligação *Fogo* e *Fundição* nestes troços atrás descritos. Por um lado, Hiram, o fundidor, mestre na arte de lidar o *fogo* e, por outro lado, Tubalcaim, possuidor “...das artes da paz e da guerra, da ciência de transformar os metais, de martelar o cobre, de acender as forjas e soprar os fornos...”.

Mas de onde vem esta ligação ao *fogo*?

Uma das possíveis ligações pode-nos ser dada remontando à tradição luciferiana, em que no início dos tempos existiam dois Deuses que dividiam entre si o Universo, sendo um deles Iblis, senhor do espírito e do elemento *fogo*. Este iria seduzir Eva, fecundado-a e dando origem a Caim. Também segundo tradições talmúdicas, Caim é fruto dos amores de Eva e

Iblis e Abel será produto de Adão e Eva.

Observamos bem toda uma ligação geneológica em que Caim, filho do senhor do *fogo*, origina a Tubalcaim. Recorrendo novamente ao Livro Sagrado, em Génesis 4.22, e cito, “E Zilla também teve Tubalcaim, mestre de toda a obra de Cobre e Ferro”. Temos aqui, pois, a menção ao *ferro*, que nos faltava .

FERRO

Observamos Hiram na Bíblia, não como um arquiteto, mas sim como um fundidor, um descendente, segundo a lenda, de Tubalcaim filho do *fogo*, como certas tradições nos comentam e detentor de uma arte chamada a *Metalurgia do Ferro*.

Não deixa de ser curioso também, que por toda a parte, naqueles tempos, a fusão do metal era tida como uma obra sinistra e toda esta menção concreta ao *ferro* tanto na Bíblia como na lenda, não deixa de ser considerado, pelo menos, como estranha, visto este elemento ser considerado como um metal impuro, menos nobre.

Também pode ser considerada como estranha a referência, logo em Génesis 4.22, a “mestre do *ferro*”, quando a fundição do ferro, pelo menos com o conhecimento actual disponível, teve início em 1500 a 2000 a.c., a sul do Mar Negro, bem como na Fenícia, por volta dessa data, e no Egípto, onde certas peças foram achadas.

Mas da Idade do bronze, para a idade do ferro e para os dias da utilização do aço, vai um passo bastante grande?

Para trabalhar o *ferro*, apesar de o seu ponto de fusão ser de 1530 °C, é necessário uma temperatura da ordem dos 700 a 800 °C, que um forno a lenha conseguia. Sem o *fogo*, o homem não teria conseguido utilizar o *ferro*. Sem dúvida, que as peças que ornavam os braços de Tubalcaim só poderiam ser fabricadas, domando o *fogo* e utilizando ferramentas apropriadas.

Ainda hoje podemos encontrar algum desse mistério em fundidores, ferreiros, nos que operam com o *fogo*, transformando bronze e ferro em peças cheias de sabedoria.

Chegámos, pois, a esses três F's. Deixando o pensamento acerca deste assunto aos segredos das Lojas, como um dia disse Alphonse de Lamartine:

“Não vejo nos segredos das Lojas senão um véu de modéstia deitado sobre a verdade e a benovelência para lhes elevar o valor e a beleza aos olhos de Deus e dos homens.”

PEDRA

À primeira vista, parece ser um tema fácil, a pedra, o calhau, a rocha, mas engane-se aquele que julgue que é assim tão simples.

Pedras caídas do céu; pedras energéticas; os

mandamentos escritos em pedra; os altares em Pedra; pedras de raio (o machado de pedra de Parashu-Ram ou o martelo de Thor); pedras preciosas; megalíticos Celtas; pedra Negra de Cibele; pedra Erguida, etc....

A Pedra ocupa de certeza um lugar de eleição no coração dos homens.

O primeiro conceito abordado será simplesmente o da Simbologia da Pedra:

A Pedra como Símbolo

Podemos seguir duas vias: o da Pedra, no seu sentido físico, como a rocha, utilizada desde os primórdios da humanidade como ferramenta e na construção e ainda, no sentido Esotérico.

A 2ª via parece-me mais interessante:

Assim, se considerarmos Os Quatro Reinos evolutivos, o Mineral, o Vegetal, o Animal e o Humano, a pedra situa-se no primeiro e menos avançado dos quatro reinos, não possuindo qualquer tipo de desejo.

O Ocultismo pode dar à Pedra um significado mais esotérico pois, embora a Pedra não possa ter sentimentos, uma personalidade ou seja não possuidora de um corpo de desejos individual, todo o Universo está unido numa corrente Cósmica e Energética. O espírito da Terra sente quanto retiramos uma pedra do seu leito, pois o seu corpo de desejos compenetra o da pedra e os actos não podem ser dissociados.

Neste caso, a pedra é um símbolo da Terra-Mãe.

Uma das tradições mais esotéricas e de beleza rara, é aquela, segundo a qual, “existe entre a alma e a pedra uma relação estreita. Segundo a lenda de Prometeu, procriador do género humano, as pedras conservaram um odor humano. A pedra e o homem apresentam um duplo movimento de subida e descida. O Homem nasce de Deus e regressa a Deus. A pedra bruta nasce do céu; transmutada eleva-se em direcção a ele”.

Pedra Bruta e Pedra Polida

O conceito de pedra bruta e pedra polida é muitas vezes utilizado no ambiente maçónico e não poderia deixar de ser mencionado aqui. Isto porque, segundo o simbolismo maçónico, a pedra cúbica (polida) exprime a noção de estabilidade, de trabalho realizado, de busca de equilíbrio e com as ferramentas maçónicas apropriadas, este é o desejo de cada Maçom.

Mas quando nos debruçamos sobre este tema, deparamo-nos com outras versões.

Uma dessas noções seria a de que a pedra bruta é considerada como sendo a perfeita, pois ela existe na Terra, criada por Deus, e, nesse caso, ela estaria no seu conceito mais puro, primordial e, como consequência, perfeito.

Outra consideração na sequência desta, é que “a pedra bruta é a matéria passiva, ambiva-

lente”, podendo ser exercida nela dois tipos de actividade: a humana, e nesse caso a pedra seria vilependeada; pelo contrário, a celeste e espiritual, exercida sobre ela, torná-la-ia numa pedra talhada, acabada e ela ficaria enobrecida.

No primeiro caso “a pedra trabalhada, não é senão, a obra humana; ela dessacriliza a obra de Deus, ela simboliza a acção humana substituindo a energia criadora.”

Podemos recuar às histórias mais antigas, da Bíblia, ao Pecado Original e à consequente expulsão do Paraíso; à história de Abel e Caim, ao trabalho deste no domínio das artes de cultivo da terra, do manuseamento de metais; ao primeiro edificador de uma cidade, Enoch, da Inveja e da Morte. Pode, pois, questionar-se a intervenção humana.

Se o mundo era perfeito na sua criação, a transmutação que hoje ocorre, sem duvida, é devida ao trabalho do homem, inspirado em Deus, no Bem e no Mal.

Pedra na Construção do Templo Maçónico

“Abri-me as portas da justiça, para que eu entre e dê graças ao Senhor!

Esta é a porta do Senhor, por onde podem entrar os justos ...

A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular

Foi o Senhor quem fez isto, e é admirável a nossos olhos.”

(Salmo 117)

A Igreja de pedra como representante da Igreja das almas, em que as pedras que constituem esses edifícios não são mais do que os fiéis, ou seja, não são mais do que pedras vivas, é abordado na primeira epístola de Pedro.

Este conceito de construção do templo cristão pode ser aplicado na construção de um templo maçónico. O Venerável é a pedra angular, aquela que encerra em si todo o conhecimento, bem como a mestria do trabalho justo e perfeito. Apoiado pelos seus oficiais e por todos os Irmãos, onde cada um com a sua missão, mantém viva a orgânica do templo, podendo deixar para os vindouros um

trabalho que continue a fortalecer o Templo Maçónico.

E que os Irmãos vindouros se preocupem em colocar outras pedras, que possam polir as antigas e que embelezem, fortaleçam e encham de sabedoria o Templo Maçónico.

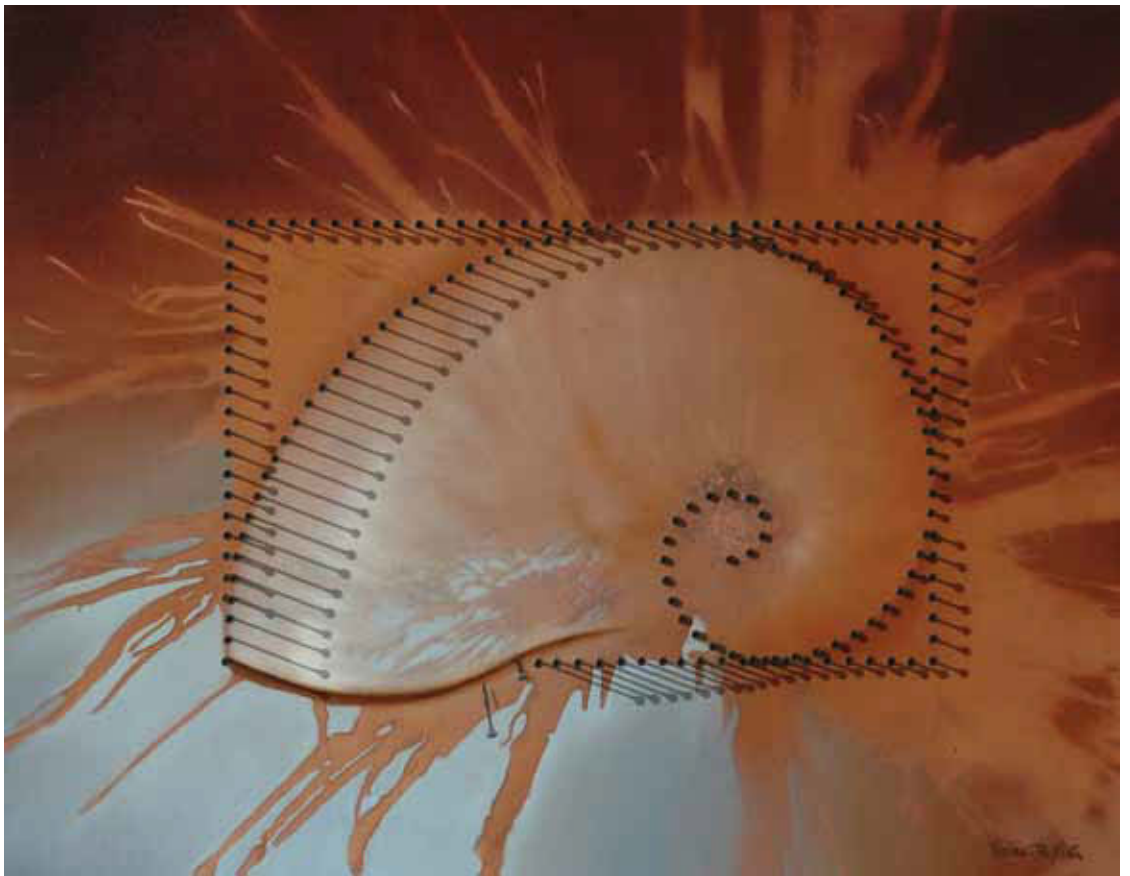
Que estes de templos construam um mundo melhor, pois não será o verdadeiro templo o Homem?

Misterioso este labirinto de pedra que nos pode levar a todos a perdermo-nos na busca da Luz!



NAUTILO DE OURO COM PARAFUSOS

A espiral logaritmica
é feita segundo os princípios
do número de ouro, ou Phi,
e está presente no processo
que as conchas
utilizam para crescerem,
segundo a sequência de Fibonacci.
Tentei ilustrar a passagem
da segunda para a terceira dimensão
dando volume ao Nautilo,
utilizando para isso uma escala
de aparafusamento progressiva
na linha da espiral e que se otimiza
de acordo com a luz que o ilumina,
sobretudo quando ela incide
da esquerda para a direita do observador.
Os traços representados na fotografia
a partir dos parafusos
são as respectivas projecções de sombra no plano.
A designação de Phi (ou Fi)
advém da homenagem a Phideas,
escultor grego da antiguidade,
conhecido por ter incluído
este princípio matemático na sua arte.



A MAÇONARIA NOS AÇORES

POR F. AZEVEDO

Com a presente nota pretendemos partilhar uma reflexão sobre a Sociedade e Loja Amor da Patria, contextualizando a sua intervenção, enquanto motivo de interesse para uma (re)descoberta da Maçonaria nos Açores.

A maçonaria tem sido portadora de importantes valores da humanidade como a liberdade, a igualdade, a fraternidade, a neutralidade religiosa do estado e o exercício de uma cidadania activa e participativa.

Tem tido especial afirmação, nos momentos considerados de crise, estruturando a sua acção enquanto reserva de valores sociais. Em Portugal e também nos Açores, este contexto ganha significado, nomeadamente ao considerarmos a revolução liberal de 1820, a revolução republicana de 1910 ou mesmo a revolução da Abril de 1974.

A Cidade da Horta, nos Açores, ‘cruza’ alguns momentos do seu percurso com estes importantes períodos da história de Portugal, constituindo a Sociedade e a Loja Amor da Pátria, elementos agregadores e potencia-

dores de uma intervenção social de alcance assinalável.

Na Europa, nos inícios do sec. XVIII, a procura da razão, da perfeitabilidade humana e social constituíram elementos essenciais no desenvolvimento do iluminismo, intimamente relacionado com a história da maçonaria.

Em Inglaterra, em 1717, no mês de Fevereiro, associam-se quatro lojas de maçons *aceites*, (distinguindo-se da maçonaria operativa), estabelecendo que a maçonaria seria para todos os homens livres e de bons costumes, que fossem regularmente admitidos na maçonaria. Desta forma inicia-se um processo de expansão por toda a Europa.

Estima-se que, em 1727, a loja registada pela inquisição como a “Loja dos Hereges Mercadores”, terá sido a primeira a surgir em Portugal, fundada por comerciantes britânicos, que viviam em Lisboa. Em 1735, regulariza-se, pedindo a sua admissão à Grande Loja, de Londres. Em 1755, abate colunas, especialmente devido às perseguições à maçonaria

decorrentes da bula papal de 1738, emanadas por Clemente XII.

Neste período também, a Maçonaria nos Açores dá os seus primeiros passos, de forma algo rudimentar, sem locais fixos para a realização das sessões, reunindo sobretudo em casas particulares e sem vínculo entre as diferentes lojas.

Os primeiros registos da existência de uma Loja, nos Açores, com data de 1772, encontram-se na Ilha do Faial, Cidade da Horta, tendo como primeiro Venerável, Tomaz de Ornelas Frazão. As sessões decorriam na farmácia de um dos seus obreiros, Manuel do Paraíso, na Rua da Mesericórdia.

Por esta altura, (finais do sec. XVIII e inícios do sec XIX) os Açores, em especial na cidade da Horta, assumem forte centralidade, enquanto importante escala de navegação comercial, no Atlântico Norte.

Entre 1807 e 1811, registam-se as invasões Francesas a Portugal, num contexto de confronto entre a Inglaterra e a França, originando a partida da família real para o Brasil.

Inicialmente os franceses não se assumem como ocupantes. Contudo a partir de 1808, aumenta a animosidade com expressão em medidas como o lançamento do imposto de guerra, a confiscação de prata e ouro das igrejas e das casas, cujos nobres haviam partido com a corte para o Brasil, assim como a substituição da bandeira Portuguesa, pela

Francesa, no castelo de S. Jorge, em Lisboa.

Este contexto, aliado ao início dos conflitos com a maçonaria portuguesa, que rejeita o general francês, Junot, como seu representante, na qualidade de Grão-Mestre, originando que ordenasse a proibição da actividade do Grande Oriente Lusitano, faz despoletar o debate político, dando-se assim os primeiros passos para um Portugal aonde sobressaem as questões da cidadania e do desenvolvimento sócio-económico, em detrimento de um Portugal do antigo regime, aonde predominava o privilégio e a insquestionabilidade do poder.

Na sequência da 3ª invasão de Portugal pelas forças de Napoleão e da consequente perseguição à Maçonaria, na noite de 10 para 11 de Setembro de 1810, muitos são os maçons (cerca de 38) que são presos (*setembrizada*) e posteriormente deportados para os Açores, na fragata “Amazon”, que parte do Tejo, a 18 de Setembro, chegando aos Açores, a 27 do mesmo mês.

A presença nos Açores dos Maçons deportados constitui um factor de expansão da maçonaria no arquipélago, bem como motivo de desenvolvimento de uma cultura liberal, que viria a marcar o posicionamento da Região nos tempos seguintes.

Na Horta, é dinamizada a criação de uma loja, reunindo antigos maçons, iniciando profanos, tendo como principal obreiro Luís Francisco Risso. Esta loja trabalhou na casa de Manuel Gutierrez, irmão do morgado Francisco

Manuel Gutierrez. Com a partida de Riso do Faial bem como de Manuel Gutierrez, a loja passou a funcionar numa pequena casa na Canada das Galinhas (actual Vista Alegre), que era pertença da propriedade dos irmãos Thomaz Luis Leal e António Silveira Leal. Entre a partida de Manuel Gutierrez e os preparativos para o novo local, as reuniões realizaram-se no Convento Franciscano.

As múltiplas divisões políticas, que caracterizam o início do sec. XIX, começam a esbater-se após a Regeneração. No final da década de cinquenta e início da década de sessenta, regista-se um período de consolidação da Maçonaria Portuguesa, ocorrendo a 30 de Outubro de 1869 a constituição do Grande Oriente Lusitano Unido, reunificando várias obediências Maçónicas.

Na Horta, em 28 de Novembro de 1859 é criado a Sociedade Amor da Pátria, a face profana da Loja “Amor da Pátria”, que se instala formalmente a 20 de Junho de 1860, tornando-se uma das mais importantes lojas açorianas e até da Maçonaria Portuguesa, tendo pertencido a várias obediências, no contexto das várias divisões políticas, que caracterizavam a época.

Ao longo do seu percurso foram-lhe concedidos os títulos de Ilustre, de Capitular, afastando-se do Grande Oriente de Portugal em 1862. A 29 de Janeiro de 1863 integrou-se no seio da Confederação Maçónica Portuguesa, vindo a transitar, em 1867, para o Grande Oriente Português e posteriormente, em

1869, para o Grande Oriente Lusitano Unido, onde se manteve até à ilegalização da Maçonaria, em 1935.

Teve uma forte actividade social, nas áreas do ensino, na criação de escolas, de bibliotecas, tendo constituído a Caixa Económica Faialense, que subsidiou várias obras de beneficência e instituições como os Asilos de Mendicidade e Infância Desvalida, assim como a organização de diversas acções culturais.

A sede da Sociedade, funcionou no solar do Morgado Terra, localizado a norte do actual edifício, reflectindo-se na história da cidade da Horta como um espaço simbólico, como a maior e mais nobre sala de visitas da Ilha do Faial, ligando-se a importantes eventos institucionais.

Recordamos a visita do imperador D. Pedro IV, na companhia da corte liberal portuguesa que ali ficou hospedado quando visitou a Horta em Abril de 1832, e recebeu a vereação camarária presidida por António José de Ávila (maçon), o futuro Marquês de Ávila e Bolama. Anos mais tarde, em Novembro de 1858, foi feita, uma recepção festiva ao neto do imperador, o príncipe D. Luiz.

A 13 de Agosto de 1930 ocorreu um violento incêndio, que destruiu o espaço ocupado pela Sociedade e pela Loja Maçónica, tendo inclusive o arquivo, sido perdido por completo. Neste contexto foi deliberada a construção de um novo edifício, tendo sido criado o cargo de Delegado da Direcção para a construção, que

durou 3 anos, tendo a primeira pedra sido lançada em Agosto de 1931 e a concluindo-se o edifício a 30 Junho de 1934.

O novo edifício, destaca-se no tecido urbano da cidade da Horta, pela sua escala e qualidade, com uma nítida valorização da “Art Deco” reflectindo bem o novo ciclo de produção arquitectónica nacional, que ocorre de forma mais densa na capital do País, Lisboa, em que o arquitecto Manuel Joaquim Norte Júnior, (que entre outras distinções obteve por cinco vezes o Prémio Valmour) é um dos seus expoentes.

Nesse edificio, teve lugar acto inaugural da I Legislatura do Governo Regional dos Açores, a 4 de Setembro de 1976, na presença do Presidente da Republica, General Ramalho Eanes, e do Primeiro Ministro , Mário Soares, e funcionou durante vários anos (até 1980) a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

BIBLIOGRAFIA

Antonio Lopes, A Maçonaria Portuguesa e os Açores (1792 – 1935), Ensaios, Lisboa, 2008.

Francisco Gonçalves, Sociedade Amor da Pátria - 150 anos (1859 a 2009), Sociedade Amor da Pátria, Horta, 2009,

Consultados também vários documentos na internet.

APÊNDICE

PRESIDENTES DA SOCIEDADE “AMOR DA PÁTRIA” DE 1859 A 2011

- ✘ Manuel Maria da Terra Brum
— *Viriato*
- ✘ João de Bettencourte Vasconcelos Corrêa e Ávila
— *Martim de Freitas*
- ✘ João António Morisson
— *Pacheco*
- ✘ Dr. Miguel Street de Arriaga
— *Gil Vicente*
- ✘ Comendador Manuel José Sequeira
— *Cristovão Colombo*
- ✘ Conselheiro José Carvalho Medeiros
— *Racine*
- ✘ João Batista da Silva
— *Lacham*
- ✘ Justino Augusto da Rocha
— *LaRochejaquelein*
- ✘ Luís da Terra
— *Gutenberg*

- ✘ João António Morisson
— *Cambrone*
- ✘ José de Bettencourt Vasconcelos Corrêa e Ávila
— *Marim de Freitas*
- ✘ Conselheiro Dr. António Maria Oliveira
— *Pascal*
- ✘ António da Cunha Menezes Brum
— *Shakespeare*
- ✘ Frederico Xavier de Mesquita
— *Afonso Domingues*
- ✘ Augusto de César Sá Linhares
— *Gambeta*
- ✘ Manuel Rocha de Almeida
— *Casimiro Abreu*
- ✘ João Pereira Gabriel
— *Antero de Quental*
- ✘ Manuel Joaquim da Silva Menezes
— *Gomes Freire*
- ✘ Manuel Emilio Tomás da Silveira
— *Garret*
- ✘ Manuel Agostinho Fernandes da Fonseca
— *Bismark*
- ✘ Dr. Manuel Francisco Neves Jr.
— *Charcot*
- ✘ Domingos Machado Soares
— *José Estevam*
- ✘ Joaquim Azevedo
— *Dearlove*
- ✘ António José Vilas
— *Edison*
- ✘ Jaime Ferreira da Gama
— *Latino Coelho*
- ✘ Conselheiro José Lacerda Azevedo
— *Pinto Ribeiro*
- ✘ Dr. Alberto Campos de Medeiros
- ✘ Gilberto Paulino de Castro
— *Manuel de Arriaga*
- ✘ Dr. António da Terra
- ✘ C^{dor} Jorge Avelar de Medeiros Corrêa
— *Júlio Damas*
- ✘ Tenente Manuel José Cardoso da Simas
- ✘ Eng^o Frederico Menezes Avelino Machado
- ✘ Dr. Luís Carlos Decq Motta
- ✘ Dr. António Macedo Lacerda Forjaz
- ✘ Dr. Manuel Linhares de Andrade
- ✘ Dr. António Sebastião Goulart
- ✘ Dr. José Pereira de Freitas
- ✘ Eng^o Manuel Santinho Horta
- ✘ Fernando Manuel Melo
- ✘ Mário Nunes Greves
- ✘ Eng^o João Matos do Nascimento
- ✘ Dr. Ângelo Leal da Costa
- ✘ Dr. Luís Educarado de Brito e Melo
- ✘ Norberto de Oliveira Fraião
- ✘ Carlos Manuel de Castro Goulart
- ✘ Dr. Fernando Manuel Machado Menezes
- ✘ Dr. Luís Manuel Cardoso Chaby Lara
- ✘ Dr. João Carlos Correia de Lemos Bettencourt
- ✘ Dr. Eugénio Luís Pereira Leal



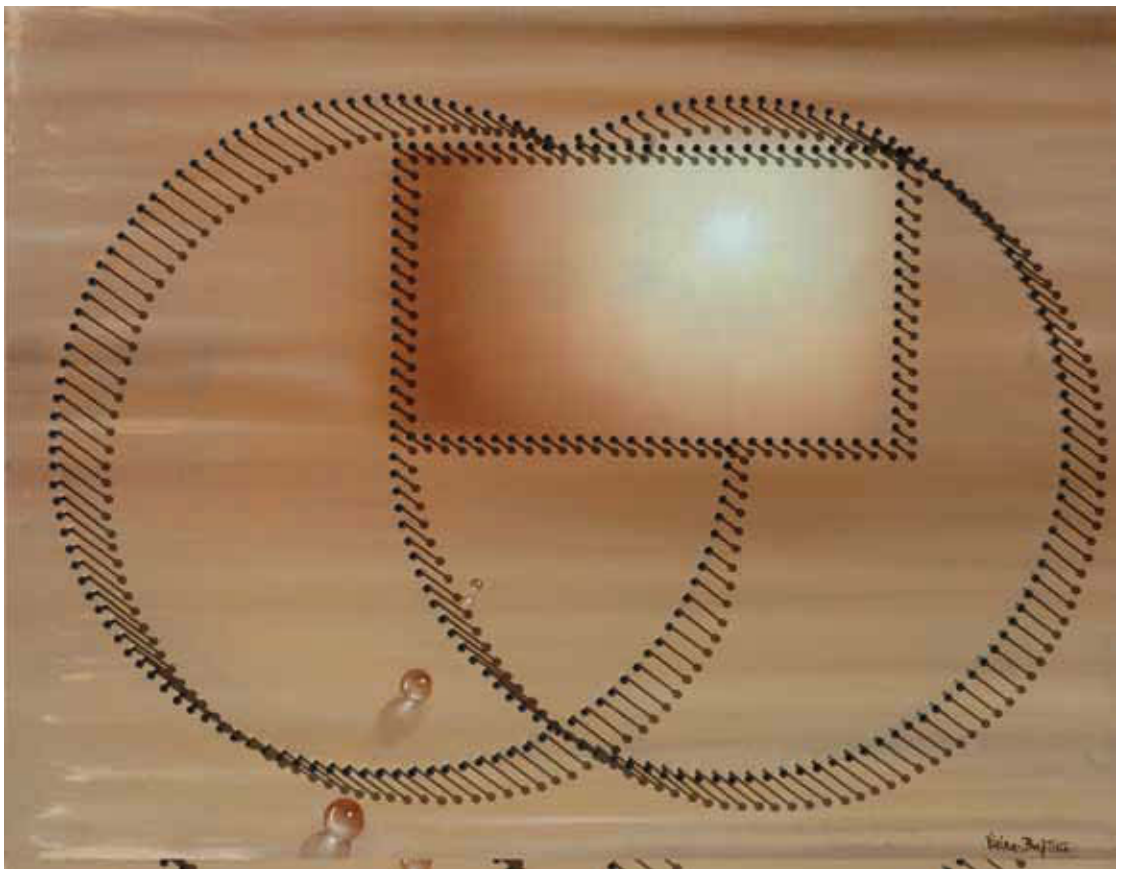
RECTÂNGULO DOURADO COM PARAFUSOS

*Esta é a forma de se chegar ao “rectângulo de ouro”
utilizando uma abertura de compasso constante.
Para tornar ainda mais ‘dourada’ a representação,
é possível aferir este pequeno rectângulo
com o da tela onde está representado.*

*Esta forma tem sido usada
ao longo dos tempos,
tendo sido descoberto há pouco
que foi este rectângulo e os seus múltiplos
que os Maias utilizaram como unidade de medida
para a construção dos seus templos.*

*A Proporção Áurea, como também é chamada,
é a proporção de crescimento orgânico
e a expansão geométrica da natureza.*

*Talvez seja por isso
que muitos dos edifícios erguidos
respeitando este conhecimento,
ainda perdurem nos nossos dias.*



DOS GRAUS SIMBÓLICOS AOS GRAUS FILOSÓFICOS

POR NUNO ÁLVARES PEREIRA

O Rito Escocês Antigo e Aceite é um Rito de trabalho, estudo e reflexão maçónica, que tem as suas origens na arcaica qualidade do Mestre Escocês e que deu origem por volta de 1730, nas cidades de Londres e Bath, a Grandes Lojas de “Mestres Escoceses”.

Após este surgimento, a sua evolução durante o século XVIII não foi, no entanto, rectilínea e célere, já que se caracterizou como uma estruturação e configuração algo lenta, desenvolvendo-se sobretudo no outro lado do canal da Mancha, mais concretamente, em França, e também na América.

Beneficiando da protecção que o rei Luís XIV dispensara ao seu parente Jaime II de Inglaterra e VII da Escócia e aos Maçons que para ali tinham fugido por motivos de natureza política e que eram fiéis a este último, foi na

França das “luzes”, que o Rito Escocês Antigo e Aceite começou por florescer.

Mas numa primeira fase, não da forma como os elementos deste Rito ambicionavam, já que tendo sido mencionados pela primeira vez nas Ordenações da Grande Loja de França, de 1743, foi-lhes negada a distinção que estes, desde há muito, reivindicavam: a de serem Maçons de maior grau. E porquê?

Tal acontecia em virtude da limitação de pensamento e de postura que estes demonstravam, na medida em que os Mestres Escocistas faziam, sobretudo naquela época, o apelo à apologia única de que as suas raízes, que eram também as dos antigos construtores medievais, tinham as suas origens profundas na tradição iniciática das antigas culturas.

Tal pensamento de cariz decididamente espiritualista, ficava desta forma longe e pueril, em face do racionalismo ascendente da cultura francesa do século das “luzes”, que prosseguia a procura de uma experiência personalizada e personalizável do conhecimento, capaz de transformar o ser homem, num ser humano inteligível, racional, solidário, fraternal e profundamente evoluído em termos da inexistência de limites para a reflexão e para tudo o que fosse susceptível de ser cognoscível.

Desde 1744 que são referidos frequentemente em documentos e publicações de natureza maçónica, a alusão aos “graus escoceses” que são posteriores à institucionalização do terceiro grau – o de Mestre Maçon – que tem a sua origem na década anterior (de 1734 a 1744).

É hoje aceite, senão universalmente pelo menos por grande parte de Maçons, que o Grau de Mestre Maçon foi, pela sua importância, o grau verdadeiramente iniciático do Rito Escocês Antigo e Aceite e que consistiu na pedra base da estrutura de todo o desenvolvimento deste Rito, sendo simultaneamente considerado por muitos, o primeiro dos graus superiores.

Simultaneamente, a Grande Loja de França beneficiando dum clima de fraternidade e solidariedade e de procura de conhecimento, aceitando certamente, que com maior número de Maçons, poderia ser mais capaz, viu

umentar sobremaneira o seu contingente de membros, o que levou (como aliás sempre acontece neste tipo de situação, que se repete na história e que nos deveria levar a reflectir) a uma descida qualitativa das suas competências, o que por meados do século XVIII, começou por alarmar os seus membros mais responsáveis e mais sapientes.

Isto fez com que o Grão Mestre da Grande Loja de França, desde 1743, Conde de Clermont, tivesse decidido a criação de uma oficina de trabalho modelo em Paris: A Oficina ou Loja de São João de Jerusalém, que teve os seus estatutos publicados em 1755, e que tinha como atribuição conferir aos Mestres Escoceses, a responsabilidade na guarda do legado da tradição maçónica nas lojas simbólicas.

Esta decisão traz-nos claramente à colação a necessidade de interrogação de se efectivamente não devemos ter presente os erros do passado e, dessa forma, percebermos que nem sempre a liberdade, a abundância e o prazer são virtudes conselheiras de verdades absolutas. Por outro lado, tendo presente este conhecimento histórico, se não devermos olhar para ele e percebermos que nem sempre a abundância é solução, mas antes um caminho para o erro, ao contrário do caminho certo, que é seguramente o caminho do rigor e do critério, na entrada de novos membros.

Esta necessidade de contenção e de reestru-

turação sentida naquela época, levou simultaneamente a que tal reorganização, fosse estruturante e transversal. Assim, em face da multiplicidade de temas sobre os quais a reflexão maçônica se vinha debruçando, foi necessário por uma questão de método, o estudo destes por patamares e consequentemente, a estruturação do Rito Escocês Antigo e Aceite por graus, o que tornou indispensável a criação de organismos coordenadores que facilitassem e sistematizassem um corpo organizado dos mesmos.

Estes começaram por adoptar o nome de capítulo ou conselho e assim surgiram o capítulo de Clermont, em 1754 e o Conselho de Imperadores do Oriente e Ocidente, em 1758 e cujo padrão de funcionamento maçônico, residia na Oficina ou Loja de São João de Jerusalém, já supra referenciada.

Ainda que não faça parte do substrato essencial deste texto, mas sendo matéria conexa com o mesmo, considero dever ser referido que a criação da Loja de São João de Jerusalém, pelo Conde de Clermont, foi feita à margem da Grande Loja Francesa, de que aquele era Grão Mestre, ainda que em estreita vinculação com ela. Esta dicotomia formal irá inspirar mais tarde o aparecimento e desenvolvimento dos Supremos Conselhos do Rito Escocês.

Consequentemente, surge mais tarde em Paris, em 1758, o Conselho de Imperadores, com o subtítulo Sublime Loja Mãe Escocesa,

que teve uma importância fundamental na estruturação e harmonização do escocismo, primeiro num sistema de vinte e cinco graus, chamado Rito de Perfeição e que após o seu desaparecimento em 1782, serviria de base ao Rito Escocês Antigo Aceite ou e Aceite, como uns e outros o designavam.

Não podemos simultaneamente esquecer, que se acredita que o Conselho de Imperadores criou em Bordéus, um Consistório, onde foram criados os Regulamentos e Constituições da Maçonaria de Perfeição, na data de 1762, ainda que não existam provas documentais irrefutáveis a este respeito.

Do que não existem dúvidas, é que com base na emissão de uma carta patente passada em 1761, pela Loja de São João de Jerusalém, e que conferiu a Etienne Morin, Cavaleiro e Príncipe de todas as Ordens da Maçonaria de Perfeição, a possibilidade de estabelecer Lojas do Rito de Perfeição ou Filosófica na América ou onde quer que fosse.

Com a extensão da patente supra referenciada conferida a Etienne Morin, por parte do Grão Mestre da Grande Loja de Inglaterra, Conde de Ferrest, em 1762, esta possibilidade de concessão estendeu-se às lojas a criar no Novo Mundo. E assim o fez Morin, criando a Loja de Perfeita Harmonia, no Haiti, e posteriormente, passando à criação de uma Loja na Jamaica, onde nomeou Inspector Adjunto Henry Francken, tendo sido este quem

efectivamente introduziu o Rito de Perfeição nos Estados Unidos.

O primeiro texto completo do Rito Escocês Antigo e Aceite, contendo os 25 Graus de Perfeição, mais outros 8, foi conhecido em 1802, por Circular emitida pelo Supremo Conselho de Grandes Inspectores Gerais do Grau 33º e Último do Rito Escocês Antigo e Aceite.

Este primeiro Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceite tinha sido criado em 1801, em Charleston, na Carolina do Norte, por Maçons franceses precedentes do Haiti e refugiados

nos Estados Unidos por causa da Guerra Colonial Haitiana, juntamente com Maçons americanos, todos eles Inspectores Gerais do Rito da Perfeição, sendo o seu Primeiro Grande Comendador, o Irmão John Mitchel.

O sistema de 33 Graus deste Rito, tinha sido anteriormente estudado e aprovado por Frederico II da Prússia, protector da Maçonaria, que o sancionou nas chamadas Constituições de Berlim, de 1786, apesar deste facto suscitar alguma controvérsia por parte de alguns historiadores especialistas nesta matéria.



ROSÁCEA SAGRADA

*É uma homenagem aos construtores
das grandes catedrais góticas
que usaram este princípio geométrico
para desenhar as fantásticas rosáceas
feitas em pedra e/ou com vitrais.*



AS RAÍZES DA MAÇONARIA ESPECULATIVA

POR ARNALDO M. A. GONÇALVES

A Ordem dos Franco-Maçons tem as suas raízes mergulhadas no tempo. Uns atribuem os seus primórdios às corporações de construtores da Idade Média e às guildas de artífices. Outros procuram encontrar os seus antecedentes nos mistérios do Egipto (de Osíris e Isis), no Colégio dos Magos do Fogo (Caldeia), nas comunidades essénias (Palestina), nos Colegia Fabrorum (Roma), nos Cavaleiros Templários ou nos Rosa-Cruzes.

O que parece evidente é que num dado ponto do processo histórico a maçonaria associada às grandes construções da Antiguidade (catedrais, igrejas paroquiais ou castelos) perdeu o seu carácter “manual” ligado à edificação e abriu-se a outros detentores de “segredos”. Obreiros que não vinham dos mesteres e das guildas mas das classes sociais elevadas como a aristocracia, os homens da Ciência, os clérigos, a aristocracia fundiária ou os intelectuais. Porque é que essa evolução ocorreu e em que contexto teve lugar continua a ser uma questão em discussão.

Por simplificação, podem-se identificar três escolas de pensamento quanto às origens da maçonaria especulativa. Uma explicação

tradicional liga-a à transformação ocorrida na maçonaria inglesa, em 24 de Junho de 1717, com a fusão de quatro Lojas Maçónicas na Grande Loja de Londres . Uma outra explicação “transcendental” associa-a aos mistérios da antiguidade crendo a Maçonaria testamenteária dos grandes mistérios arcanos . Uma terceira explicação liga-a à sorte da Ordem dos Templários, à sua disseminação pela Europa continental e pela Escócia na sequência da execução do Grão-Mestre Jacques de Molay e da perseguição dos seus companheiros. Esta escola vê na maçonaria escocesa a linhagem mais autêntica dos descendentes de Jesus, o Gnóstico (the Royal Blood line) .

Seja qual for a explicação que se privilegie é impossível considerar a maçonaria como um edifício monolítico. Desde tempos idos ela passou por várias transformações que se ligam à história da Europa, à emergência das grandes nações europeias (e dos impérios), à perda de autoridade da Igreja (e do Papa) nos assuntos políticos e ao surgimento do protestantismo como a outra extremidade do mundo cristão. É por isso mais correcto falar-se em “maçonarias” para designar os desenvolvimentos que ocorrem nos vários países em circunstân-

cias mais ou menos fiéis ao modelo original . É claramente identificável nessa evolução um modelo insular (ou britânico) ligado à afirmação política da nobreza fundiária e dignatária em contraponto ao poder do monarca e um modelo continental representado pelas associações fraternais de assistência, de que a *compagnonnage* francesa é um feliz exemplo.

Ao longo dos tempos, a maçonaria assume-se como uma ordem iniciática construída à volta da iniciação como processo de apreensão individual do segredo. Ser iniciado significa entrar numa organização que se destina ao estudo dos mistérios da vida e da Criação e propõe aos que a abordam pistas de progresso espiritual. Se tomarmos em consideração a arquitectura real das antigas civilizações verificamos que os arquitectos e os maçons desempenham um papel relevante e que as associações iniciáticas ocupam um papel central no sistema do poder institucional. No Egipto, a instância cimeira do sistema social é ocupada pelo Faraó enquanto Mestre da Obra, pelos seus conselheiros mais próximos e pelos chefes das principais corporações de artífices. Por isso, a iniciação constitui um evento fundamental porque representa um ritual de passagem para o iniciado se integrar no corpo social .

Os *Collegia* romanos correspondem a guildas que controlam os vários ramos do comércio. Vários imperadores romanos tentam suprimi-los mas os seus éditos revelam-se ineficazes porque os membros conseguem provar a sua ancestralidade e natureza religiosa. Vários destes *collegia* tornam-se grupos de solidarie-

dade, religiosos ou funerários e detêm privilégios e isenções pelo prestígio do trabalho que realizam. As suas organizações são idênticas às lojas maçónicas, dispondo de constituições internas. As reuniões são dirigidas por um *magister* e dois *vigilantes* (*decuriones*), dispondo de um secretário, um tesoureiro e um *capelão* (sacerdos). Os *collegia* são abertos a laicos designados por *padroeiros* ou *especulativos*. As lojas têm três graus (aprendizes, companheiros e mestres) e dispõem de rituais de iniciação que incluem a morte e a ressurreição (como no moderno Terceiro Grau) e usam os símbolos maçónicos (esquadro, compasso, fio de prumo, nível e círculo). O Imperador Diocleciano na sua perseguição ao cristianismo tenta suprimir os *collegia* (entretanto transformados em *Colégio de Arquitectos*). Orden-lhes que façam uma estátua de Esculápio, o que eles recusam . Diocleciano faz torturar quatro *Mestres* (Cláudio, Nicostrato, Sinfonio e Castorio) e um *Aprendiz* até à morte. Os quatro ficam para a posteridade como os *Quatro Mestres Coroados*, santos *padroeiros* dos maçons, em toda a Europa .

No cristianismo as associações iniciáticas multiplicam-se. Para os construtores dos edifícios correntes (profanos) e religiosos a iniciação é o acesso a uma função socialmente reconhecida. Na organização social medieval, cada ofício tem a sua própria iniciação algo que permite a cada “mester” receber uma influência espiritual que faz do ofício não apenas o prolongamento da habilidade manual mas a projecção do seu ser no sentido de uma realização espiritual.

O ofício do construtor (maçom) tem grande prestígio social nele se compreendendo os que usam a madeira, a pedra bruta grosseira e a pedra trabalhada de forma requintada. A pedra indica uma solidificação no espaço e no tempo. As pedras talhadas ao ritmo dos construtores encontram o seu lugar próprio na edificação. Desta forma constroem-se catedrais, igrejas e monumentos. A pedra escolhida pela sua textura mineral para a construção é colocada pelos “companheiros” iniciados sob a direcção de um Mestre da Obra que concebe, no plano teórico, a construção divinizada.

A Loja tem um papel importante na vida dos construtores, é a casa de madeira onde os operários trabalham ao abrigo das intempéries e que pode albergar um pequeno número de obreiros. A Loja é relativamente pequena compreendendo o Mestre e os seus assistentes directos. É o local onde as refeições são tomadas, os instrumentos de trabalho guardados bem como os moldes que permitem fazer (e replicar) os elementos mais complexos de construção . Os mestres alojam-se em estalagens onde vivem por períodos prolongados até que a construção esteja concluída. É provável que a Loja fosse aberta segundo um ritual não escrito, que os maçons tinham que saber de cor. Os trabalhos iniciavam-se com uma oração religiosa ao Criador, designado por um nome sagrado . A loja permite que mestres, vigilantes, contramestres e outras categorias de construtores se reúnam preparem os desenhos e os modelos relativos aos vários elementos de construção. Todo o novo maçom recebido em Loja tem de prestar jura-

mento de guardar segredo da informação que lhe é transmitida depois da leitura das constituições próprias de cada oficina . Os primeiros regulamentos de organização do ofício remontam a meio do século XIV, período de maior segurança e desenvolvimento social. É crível que a Loja se torne o centro da vida dos construtores e centro de formação dos que chegam para principiar o ofício .

Papel de destaque é ocupado, na organização medieval do trabalho, pelo Mestre maçom que não é a um arquitecto “tout court”, conceptor separado das condições de execução do trabalho. O Mestre operativo tem uma responsabilidade alargada, é o arquitecto da construção, o oficial administrativo que gere os materiais, o empreiteiro geral e o supervisor técnico da construção. A arte da construção não é transmitida por livros, plantas ou desenhos de perspectiva mas através do exemplo vivo dos edifícios construídos. Qualquer conhecimento que o jovem maçom adquire aprende-o directamente do seu Mestre ou da experiência repetida de sucesso e insucesso.

O Mestre maçom fica associado, de forma estreita, à construção de forma a se assegurar que as suas ideias são susceptíveis de ser postas à prática. Quando o Office of Works (Reparação de Obras) é criado pelo Rei Henrique III, em 1256, o Mestre-de-obras é encarregue de fazer os registos de materiais, de proceder à compra de equipamentos e utensílios e à contratação da mão-de-obra. Os regulamentos do ofício de maçom de Londres, de 1356, determinam que o Mestre tem a obrigação de

estipular a jorna diária dos maçons e dos seus assistentes. Segundo o Mason's Ordinance de 1370, da Catedral de Iorque, um maçom que procurasse trabalho era sujeito a um período de experiência de uma semana (ou mais) para comprovar a sua perícia. Se o trabalho fosse satisfatório seria contratado por ajuste entre os supervisores e o Mestre da Obra .

Os maçons reúnem-se em Loja. O Mestre exerce nesta a mesma autoridade com que dirige os trabalhos do canteiro. Chama a assembleia à ordem com um golpe de martelo. A Loja é o local de iniciação nos mistérios do ofício. Aquando da recepção o novo maçom é obrigado a “vestir a loja”, isto é, a desembolsar uma dada quantia que segundo a tradição tem que entregar à oficina .

Mais tarde, os maçons operativos passam a estar vinculados a regulamentos que listam regras de civildade (Old Charges) e incluem normas tão diversas como se comportar à mesa ou como tratar o Mestre, sua filha e mulher. O documento Regius (Poema de Deveres Morais, datado de 1390) é o mais importante destas “charges”, uma espécie de compêndio de instruções para os mestres e directivas para os operários . Um outro documento, o manuscrito Cooke, documenta a lenda de constituição da maçonaria em Inglaterra atribuída ao rei Athelstan e a adopção do irmão do rei pela corporação dos pedreiros. Essa adopção garante-lhes uma constituição real e os estatutos reguladores da profissão . De acordo com a Carta Real, os maçons passam a ter o direito a se reunirem em York e

serem governados por um Grão-Mestre, o Príncipe Edwin . Pela morte do príncipe, a maçonaria entra em declínio, mas é revitalizada em 1041 pelo Rei Eduardo, o Confessor, que designa Leofric, Conde de Coventry, como superintendente dos maçons.

À saída da Idade Média surge uma civilização nova que não tem as mesmas bases e os mesmos objectivos da era anterior. Factores económicos e políticos tornam-se essenciais e a religião ocupa um lugar cada vez menor nos assuntos do Estado. É no momento em que se apaga a dimensão sagrada da sociedade que emergem as sociedades secretas. Os construtores já não são apreciados como uma classe social importante até porque a nobreza considera o trabalho manual “vil e desonroso”. Hermetistas, alquimistas e astrólogos são olhados com suspeição. O Rei Luís XIV, de França, expulsa os astrólogos da Academia das Ciências. A liberdade de associação é coarctada. Os governantes temem os pequenos grupos que imaginam a orquestrar conspirações contra o poder real e que sob a forma de “fraternidades” preparam o surgimento de partidos de oposição .

Entre os grupos sob suspeita estão as lojas dos construtores que abrem as portas a todos os que não se revêem nas doutrinas sociais, reforçando-se por essa via os laços entre as minorias segregadas com a concentração do poder real, nas monarquias absolutas da Europa continental. A Maçonaria já não oferece uma qualificação profissional directa mas interioriza os antigos ideais da iniciação, em

ritualismos que atraem as classes nobres e cultas. A mentalidade profana que consolida a ascensão da burguesia mercantil toma conta da maçonaria que se politiza. O simbolismo e espiritualidade maçónicas dos maçons medievais torna-se um objecto de museu e os rituais são adaptados aos gostos da época.

De certa forma, a constituição da Grande Loja de Londres em 1717 é o toque de finados da antiga mensagem espiritual e transcendental dos maçons operativos. A história tem sido contada inúmeras vezes: vários maçons pertencendo a quatro lojas londrinas (Loja n.º 1 do Ganso Grelhado, n.º 2 da Coroa, n.º 3 da Taberna da Macieira e n.º 4 da Taberna Canecca de Vinho) reúnem-se com outros Irmãos na Taberna da Macieira. Decidem restaurar a comunicação trimestral dos oficiais das Lojas, reunir-se em assembleia nas festas anuais e escolher de entre si um Grão-Mestre. A identificação da maçonaria com os pubs tem uma razão de ser pois é o local onde as pessoas comuns se reúnem e que funciona quer como local de refeições quer como clube.

As lojas reúnem-se no segundo andar dos pubs onde conduzem cerimónias com ritual abreviado entre a chegada dos pratos. Os obreiros usam luvas e espadas. O local não dispõe de mobiliário especial. Os símbolos são desenhados num painel ou traçados a giz (ou a carvão) no chão, sendo apagados no fim da sessão. O jantar tem um papel central em todo o cerimonial, bem como a música e as canções, já que as sessões têm por objectivo essencial o convívio.

A loja maçónica é um refúgio de paz e tranquilidade em tempos de incerteza política. A memória da guerra religiosa entre protestantes e católicos e entre protestantes “oficiais” e “dissidentes” está ainda na memória de todos. As viagens marítimas e as invenções técnicas transformam a economia medieval abrindo novas perspectivas de progresso e humanismo que fazem recuar o fanatismo e a intolerância. Emerge um tempo fértil para o crescimento da maçonaria especulativa.

Estes maçons especulativos decidem constituir-se em Grande Loja, reunindo-se para o efeito em assembleia na festividade de S. João Baptista, na Taberna do Ganso Grelhado, na praça da Catedral de S. Paulo. Elegem “com mão levantada o nobre Anthony Sayer para Grão-Mestre” o qual é imediatamente investido nos adornos do ofício pelo mestre mais antigo e instalado, “sendo felicitado pela assembleia que lhe rendeu homenagem” nas palavras do Pastor James Anderson. A subida do Rei Jorge I ao trono leva várias lojas a encontrar um protector mais activo, face à incapacidade física de Sir Christopher Wren.

A maçonaria vivera um período de grande prosperidade em Inglaterra sob a protecção do Rei Carlos II, o qual havia sido iniciado na arte real durante o seu exílio em França durante a república de Oliver Cromwell. Após o regresso do rei a Inglaterra, Henry Jermyn, Conde de St. Albans é eleito (em 1663) Grão-Mestre, tendo Christopher Wren e John Webb como Grandes Vigilantes. Em Junho de 1666, Thomas Savage, Conde de Rivers, sucede

a Jermyn como Grão-Mestre e Christopher Wren é seu Vice-Grão-Mestre. Christopher Wren dirige a reconstrução da cidade de Londres após um grande incêndio em 1666 e impõe que as novas construções sejam de pedra e tijolo em vez da tradicional madeira.

Christopher Wren dirige a reconstrução da Catedral de S. Paulo tendo a cerimónia (maçónica) de lançamento da pedra fundamental sido engalanada com a presença do Rei, do Grão-Mestre, dos seus adjuntos, da nobreza londrina, do Mayor, dos bispos e do clero. Durante o reinado de Jaime II (irmão do Rei Carlos II) a maçonaria é negligenciada, falecendo o novo Grão-Mestre, o Conde de Arlington, antes do rei ser coroado. A maçonaria operativa desaparece com o fim da Idade Média.

A Maçonaria Operativa surge no contexto da sociedade medieval, de forma a permitir a transmissão do conhecimento dos construtores e das associações corporativas num tempo em que não há livros, nem desenhos, nem planos de construção sendo os edifícios acabados a prova da arte dos seus arquitectos e artífices.

A passagem da era medieval à moderna é acompanhada pela erosão do papel social dos construtores das catedrais, das igrejas paroquiais, dos castelos e monumentos à medida que a máquina ocupa o lugar do trabalho braçal dos homens e o engenho dos artistas.

Colocada na eminência de desaparecer, a maçonaria operativa é forçada a abrir as

suas portas a maçons não operativos, designadamente a nobres, aristocratas, clérigos e intelectuais que possam assegurar o seu financiamento e sobrevivência. A maçonaria torna-se especulativa e busca a protecção de um benfeitor, normalmente o Rei ou alguém próximo da família real. É essa a evolução da maçonaria inglesa com a criação da Grande Loja de Londres em 1717. Na Europa Continental a evolução é diferente e a maçonaria torna-se mais filosófica e interventiva socialmente.



PROTO-VITRUVIO EM SINTONIA COM A NATUREZA

*Partindo do esquema de Vitruvio,
arquitecto romano que viveu no séc. I a.C.
e que inspirou Leonardo da Vinci
para desenhar o homem que leva o seu nome,
fiz aqui uma homenagem ao conhecimento humano
que utiliza, na sua génese,
o conhecimento da natureza
e da Geometria Sagrada.
A inscrição em caracteres chineses
é traduzida como sendo:
em sintonia com a Natureza.*





O ACASO, O CAOS E A ORDEM UNIVERSAL

A. LEBRES

Ordo ab Chao, Depois do Caos, a Ordem.

Esta frase é muito simples de traduzir mas muito ambígua no seu significado. É mesmo contraditória em função da teorização do caos que atravessa os nossos dias e de que me proponho apresentar alguns aspectos característicos e alguns dos seus mais iconográficos protagonistas.

Sempre lidámos mal com os acontecimentos que chamamos casuais, ou com as organizações que chamamos caóticas. A insegurança que tanto o acaso como o caos nos inspiram, conduziu-nos a certas formas obsessivas de ordem que não foram, ou não são mais do que limitações rígidas da vivência humana.

Para Voltaire, “Aquilo a que chamamos acaso não é, não pode deixar de ser, senão a causa ignorada de um efeito conhecido”.

“Vivemos uma civilização construída ao acaso”, assegurava Alexis Carrel. “Foi construída sem conhecimento da nossa verdadeira natureza. Deve-se ao capricho das descobertas científicas, do apetite dos homens, das suas ilusões, das suas teorias e dos seus desejos. Apesar de ter sido edificada por nós, não foi feita à nossa medida. Na verdade, é evidente que a ciência não seguiu nenhum plano. Desenvolveu-se ao acaso, com o nascimento de alguns homens de génio, com a forma do seu espírito e com

o caminho que tomou a sua curiosidade. Não se inspirou de modo nenhum no desejo de melhorar o estado dos seres humanos. As descobertas produziram-se ao sabor da intuição dos cientistas e das circunstâncias mais ou menos fortuitas das suas carreiras”.

De facto, se Galileu, Newton ou Lavoisier tivessem aplicado os poderes do seu espírito ao estudo do corpo e da consciência, talvez o nosso mundo fosse diferente do que é hoje. Os cientistas ignoram para onde vão. São guiados pelo acaso, por raciocínios subtis, por uma espécie de clarividência. Cada um deles é um mundo à parte, governado pelas suas próprias leis.

De tempos a tempos, certas coisas, obscuras para os outros, tornam-se claras para eles. Em geral, as descobertas são feitas sem nenhuma previsão das consequências. Mas a forma que a nossa civilização toma resultou dessas consequências.

O estudo estruturado do acaso é uma das áreas mais recentes do conhecimento humano. Este “princípio natural” apresenta definições que nos remetem para metáforas tão imprecisas quanto, por exemplo, a ideia de acidente. O campo da matemática responsável pelo estudo do acaso é o Cálculo das Probabilidades. Ao longo da história, aspectos do que classificamos actualmente como probabilidade têm modelado, principalmente, relações comerciais e religiosas. Na antiguidade, por volta de 5000 A.C., algumas noções empíricas de probabilidade eram

aplicadas por navegantes mesopotâmicos e fenícios para estipular taxas e prémios nos casos de naufrágios e roubos de carga. No entanto, entre os gregos, era comum relegar o acaso para o domínio dos oráculos, dos deuses e das causas místicas.

O acaso é o fulcro de discórdia de duas correntes antagónicas de físicos e matemáticos nas suas análises da realidade. Na matemática, o exemplo mais significativo é o do alemão David Hilbert que, por volta de 1930, lançou um ambicioso projecto para reduzir todos os problemas científicos a um sistema formal de regras matemáticas. No entanto, este projecto foi pelo menos adiado por tempo indeterminado na sequência do trabalho de investigação do austríaco Kurt Gödel, que em 1931, com apenas 25 anos de idade, demonstrou a impossibilidade de se provar como correcta ou incorrecta a maioria dos axiomas matemáticos e introduziu a imprevisibilidade na ciência matemática, através do teorema da incompletabilidade. Ou seja, mostrou que existem asserções em relação às quais não se pode provar nem que são verdadeiras nem que são falsas. São pura e simplesmente irresolúveis.

Já antes, em 1927, aquele determinismo que defendia a tese de que o universo seria uma obra intencional, organizada e previsível, sofreu um grande revés quando Werner Heisenberg enunciou o chamado Princípio da Incerteza, que introduz o acaso no cerne da matéria. Em termos muito gerais, segundo este princípio, é impossível medir simultanea-

mente e com precisão absoluta a posição e a velocidade de uma partícula. As duas grandezas podem ser determinadas exactamente de forma separada, ou seja, quanto mais exacta for a medida de uma delas, mais incerta se torna a medida da outra.

Segundo a visão Laplaciana, as nossas inferências probabilísticas seriam reflexos das nossas limitações mentais, enquanto a corrente científica actual credita ao acaso um papel ontológico fundamental, uma característica indissociável da natureza.

A pretensa dualidade determinismo/acaso, cada vez mais, se apresenta como um falso dilema. A noção familiar do acaso como mistério e acidente pode dar lugar ao facto da aleatoriedade ser um princípio fundamental deste universo, sem o qual não haveria complexidade e não seria possível a existência de seres como nós.

Eduardo Lourenço, em “O Esplendor do Caos”, afirmava no final do século passado, com uma actualidade que permanece, que «... Pode discutir-se se a desordem em que estamos mergulhados - desde a económica até à da legalidade e da ética – releva ou não, em sentido próprio, do conceito de caos. Do que não há dúvidas é de que o habitamos como se fosse o próprio esplendor».

Físicos, biólogos, astrónomos, economistas criaram e estão a desenvolver uma nova forma de compreender a complexidade crescente da natureza. Esta nova ciência estabelece

a existência de ordem e padrões onde antes só o casual, o errático, a desordem e a imprevisibilidade - numa palavra, o caótico - eram observáveis.

A Ciência do Caos, no sentido de ser “uma ordem por decifrar” (definição de José Saramago), parte de disciplinas científicas tradicionais, reunindo diferentes tipos de irregularidades aparentemente desconexas: a turbulência do clima, os ritmos do coração humano, os desenhos dos flocos de neve e as espirais de areia varrida pelos ventos do deserto.

Nascida no seio das ciências ditas exactas, a Teoria do Caos responde de forma diferente às questões que se colocam quanto aos inúmeros sistemas dinâmicos não-lineares que povoam o nosso mundo. Estes sistemas caracterizam-se pela sua evolução temporal imponderável e imprevisível.

A construção deste novo conjunto de ideias continuou com os contributos de cientistas brilhantes como Benoit Mandelbrot ou Mitchell Feigenbaum, que descobriram coisas tão inesperadas como a universalidade e a auto-similaridade em sistemas caóticos.

A estranheza que sentimos perante uma tarefa com um grau elevado de improbabilidade de êxito, é a mesma a que Darwin deu origem com a sua teoria evolutiva. Como é possível que o processo evolutivo tenha produzido seres tão complexos como os humanos, partindo de formas de vida muito simples e tendo como fonte de diversificação as muta-

ções genéticas casuais? Devemos considerar que estamos a falar de muitos milhões de anos e, portanto, de um número de eventos capaz de satisfazer às probabilidades mais ínfimas que podemos imaginar. O acaso parece ter sido uma estratégia necessária ao estabelecimento do processo evolutivo.

Acredita-se que o código genético não possa reconhecer as transformações do meio para corrigir e adaptar uma determinada função do organismo às novas condições externas. Assim, a melhor maneira de garantir a perpetuação da vida é, uma ou outra vez, promover transformações ocasionais. Não há mecanismo mais adequado do que o sorteio para produzir uma diversidade tão ampla que dê conta de todas as mudanças do meio, quaisquer que elas sejam. Para contextualizar no tempo estas mutações genéticas bem sucedidas, lembra-se que o primeiro organismo vivo terá surgido há cerca de 3,5 mil milhões de anos e as primeiras formas animais há cerca de 600 milhões de anos. Nós, o homo sapiens sapiens, “nascemos” há apenas 120 mil anos. E para ser mais preciso, vale considerar que o acaso é o mecanismo fundamental das mutações e não do processo evolutivo em si. A mutação, para gerar uma nova espécie, antes, deverá manter a coerência interna do organismo, não gerar um indivíduo estéril e garantir a sua adaptação ao meio.

O físico David Ruelle qualifica bem as situações em que o aleatório pode ser uma estratégia recomendável. Diz ele: “Evidentemente, é bom reagir de maneira previsível quando

cooperamos com alguém. Mas, numa situação competitiva, um comportamento aleatório e imprevisível pode ser a melhor estratégia”.

Na Astronomia, sabe-se há muito que o Sistema Solar não funciona com a precisão de um relógio suíço. Poincaré foi o primeiro a demonstrar a dificuldade em determinar órbitas de astros a longo prazo. Recentemente, revelou-se num estudo realizado sobre as órbitas da Terra e de Marte, que estas têm uma evolução caótica, num intervalo de tempo da ordem das centenas de milhões de anos.

Na Economia, a análise das bolsas tem indicado que os valores das acções se comportam de forma aparentemente aleatória a curto prazo, mas que apresentam um certo padrão comportamental a médio e longo prazo. Em 1997, Robert C. Merton e Myron S. Scholes ganharam o Prémio Nobel da Economia, com o estudo e descoberta dos padrões evolutivos de séries longas de aplicações financeiras.

Mas o Caos tem também consequências filosóficas drásticas. Durante milhares de anos, muitos cientistas julgaram que, na posse das leis físicas que regem o nosso Universo, seria possível prever o futuro. Hoje, o determinismo é apenas um conceito teórico: nunca possuiremos aparelhos de medida suficientemente poderosos para que os erros experimentais não influenciem as previsões. A Teoria do Caos e o Princípio de Incerteza de Heisenberg fizeram ruir o positivismo científico e vieram lembrar que a Ciência se baseia

sempre em modelos. No entanto, ambos vieram disponibilizar-nos novos instrumentos para aperfeiçoar esses modelos.

Então o que é que nos fascina neste Caos, que veio destruir as aspirações humanas de Ordem Universal? É que ele é um velho aliado do Homem, das suas emoções, das suas atitudes, das suas decisões. Ele representa aquilo que temos de mais espontâneo, mesmo quando tentamos ser racionais. Ele representa as incertezas de sempre, mesmo quando achamos que temos resposta para tudo. Mas o Caos também assegura que temos algo a dizer sobre o nosso futuro, que as nossas acções, por insignificantes que pareçam no geral, podem ter um peso fundamental e que o devir não deixou de estar nas nossas mãos.

Concluindo, por palavras de Haruki Murakami, “Quer queiramos quer não, a nossa existên-

cia resume-se a uma sucessão de instantes passageiros aprisionados entre o «tudo» que ficou para trás e o «nada» que temos pela frente”.

APOIOS BIBLIOGRÁFICOS

James Gleick, Caos - A Construção de Uma Nova Ciência, Gradiva, 420 páginas, 2005

Ruelle, David, O Acaso e o Caos, Relógio d'Água, 236 páginas, 1994

Penrose, Roger, O Grande, o Pequeno e a Mente Humana, Fundação Editora da Unesp, 196 páginas, 1997

Boyer, Carl B., História da Matemática, Edgard Blucher, 496 páginas, 2003

Ralph Stacey, A Gestão do Caos, Dom Quixote, 240 páginas, 1994



A PORTA PARA OS SÓLIDOS PLATÔNICOS:
UMA HOMENAGEM A FIBONACCI

*Todo este trabalho está aferido tanto com a proporção áurea,
como com a sequência de Fibonacci,
usadas na construção da espiral logaritmica.*

*Está encimada pelo esquema conhecido por Metatron,
esquema este onde estão incluídos todos os sólidos platônicos
descobertos por Leonardo de Pisa,
mais conhecido por Fibonacci,
no século doze (nasceu em 1170).*

*O que ele fez realmente foi dar-lhe o nome,
pois esta composição geométrica já existia.
É curioso pensar porque é que com tantas hipóteses de nomes
à sua disposição no léxico do latim,
foi escolher este.*

*O seu significado remete-nos para um arcanjo,
ou seja, um anjo de uma ordem superior
segundo a iconografia do panteão dos anjos,
e que leva o seu nome: Metatron.*

*O seu significado é o mesmo
nas três religiões monoteístas conhecidas,
pois todas elas o veneram:
simboliza o escriba de Deus,
o que nos transmite os ensinamentos de Deus.*

*É lógico que este matemático genial
dava importância à Geometria Sagrada,
daí que perante o maravilhamento que sentiu com este desenho,
achou com certeza que fora inspirado por Deus.*

*O que ele tem de fascinante é que,
para conseguirmos identificar os desenhos do tetraedro,
hexaedro, octaedro, dodecaedro e icosaedro,
somos obrigados a utilizar um conceito de visão espacial,
até aqui desconhecido.*



PARA A HISTÓRIA DO REAA EM PORTUGAL

APONTAMENTO BREVE

DIMAS PESTANA

Quando em 19 de Outubro de 1993, em Washington DC, na “House of The Temple”, sede do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceite da Jurisdição Sul dos Estados Unidos da América (“Supreme Council (Mother Council of the World) of the Inspectors General Knights Commander of the House of the Temple of Solomon of the Thirty-third degree of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry of the Southern Jurisdiction of the United States of America.”), foram elevados ao Grau 33º os Maçons Regulares Portugueses que foram cooptados para constituírem o primeiro Sacro Colégio do Rito em Portugal, nessa data assentava-se a “Pedra Angular” para a construção do Templo que é o “Supremo Conselho Para Portugal dos Soberanos Grandes Inspetores Gerais do 33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite” da Maçonaria Regular e formalmente Reconhecida.

A procura da Rocha de onde se iria extrair essa Pedra, o seu arranque, o seu transporte até à Loja dos Mestres que a trabalhariam, por

caminhos difíceis de percorrer e não isentos de perigos contra a Maçonaria Regular, o seu desbaste e corte com as proporções justas e perfeitas, o seu polir com o grão mais puro e, finalmente, a sua deposição no local onde viria a ser assente e onde se construiria o Templo, foi um percurso que começou em 1991, data em que foi restabelecida, em Portugal, a Maçonaria Regular, no brilho das Suas Três Luzes – o Esquadro, o Compasso e o Livro da Lei Sagrada e na plenitude do seu Reconhecimento por três Grandes Lojas também reconhecidas e a trabalhar regularmente.

Para esse grande acontecimento dois grandes Maçons se distinguiram: - José Eduardo Pisani Burnay e José Carlos Nogueira.

Foram eles os Pais Fundadores deste Templo e foram eles que com o seu insuperável saber, com a sua dedicação, empenhamento total, devoção à Causa Maçónica e prestígio inigualável em toda a Maçonaria Universal onde quer que exista e esteja viva, mais contribuíram para que se cumprisse de forma

irreversível, esse desígnio Maçónico.

Por isso, os seus nomes estão gravados em letras de ouro, em todas as faces polidas de forma justa e perfeita, na Pedra Angular que eles assentaram.

Em 1991, sendo José Carlos Nogueira o Garante de Amizade com a Maçonaria Americana e Assistente de Grão Mestre com funções de Grande Secretário, houve um primeiro contacto entre si e o Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho da Jurisdição Sul dos Estados Unidos da América, Alfred Kleinknecht, onde se perspectivou a possibilidade de se iniciar o caminho que viria a culminar na cerimónia de elevação ao Grau 33° nessa data histórica para a Maçonaria Regular Portuguesa e Universal, em Outubro de 1993.

A prova de que a expectativa que existia na Maçonaria Universal, de um possível grande sucesso da reposição da Regularidade em Portugal por estes Maçons e do grande prestígio Maçónico que tinham, é-nos dada pelo facto de este contacto inicial se ter feito por iniciativa da cúpula da estrutura da Maçonaria Americana e do Rito Escocês Antigo e Aceite, na Pessoa do SGC Kleinknecht.

José Carlos Nogueira, em articulação e com o apoio do Grão Mestre de então, apressa-se a desencadear uma série de procedimentos, todos baseados no grande saber e esclarecimento Maçónico e suportados pelo seu grande prestígio internacional, que levaram ao almejado grande sucesso.

De 1991 a 1993 correram três anos, muito ricos de bons momentos (quase sempre) e outros menos bons (raramente). Estes foram preenchidos com um trabalho metódico, bem programado e executado, com fé e determinação, com inteligência e sentimento, com o ânimo e a força interior de quem sabia que estava no caminho certo para serviço da Maçonaria Regular e Exaltação e Glória do Grande Arquiteto do Universo.

Um dos momentos importantes deste processo tão bem sucedido, acontece no Verão de 1994 em Frankfurt, quando dezasseis Maçons Regulares Portugueses foram cooptados e elevados ao Grau 32°.

Esta cerimónia realizou-se sob a orientação de um grande Maçon Americano a quem a Maçonaria Regular Portuguesa e o Seu Supremo Concelho muito devem pelo apoio que dele receberam – o saudoso e Il. BoB Woodward (33°).

Esse Ilustríssimo Irmão esteve sempre ao lado do Supremo Conselho para Portugal, com grande Fraternidade. Foi ele que serviu de ponte, de ligação, com a Maçonaria Americana desde que recebeu essa incumbência do SGC Kleinknecht e foi ele que ajudou a revelar e a elevar o enorme prestígio conseguido na Maçonaria Universal dos nossos primeiro e segundo Soberanos Grandes Comendadores, Ilustríssimos Irmão Pisani Burnay e José Carlos Nogueira.

Na tradição e passos dos grandes teóricos do

Rito, de Ramsay ao sublime Pike, seguindo os caminhos traçados e confirmados nos seus grandes momentos, A Maçonaria Regular Portuguesa rapidamente se afirmou através do Seu Supremo Conselho, como uma das mais ativas e bem sucedidas, sendo o seu apoio e intervenção repetida e frequentemente solicitada para apoio de outras Maçonarias Nacionais que de mais apoio careciam.

É assim que o Supremo Conselho para Portugal é levado a participar em Instalações de outros Supremos Conselhos, sempre na companhia dos mais prestigiados, nomeadamente dos Ilustríssimos Irmãos Americanos.

A vida do nosso Supremo Conselho, foi fazendo o seu caminho, desenvolveu-se, expandiu-se, reforçou as suas bases, espalhou o seu saber e consolidou uma posição interna e externamente, nunca deixando de acorrer onde foi necessário.

Mais tarde, em momentos conturbados da vida da Grande Loja, em 1997, foi a sua solidez e a firmeza de princípios que serviu de âncora para abrigar de ventos revoltos a Maçonaria Regular Portuguesa. Nesses tempos de dificuldade, a sua afirmação Maçónica foi farol que indicou caminhos e, mais uma vez, é o seu grande prestígio internacional que permite seguir em frente, continuar o Trabalho começado e contribuir para reforçar o espírito Fraternal entre os Maços Regulares em Portugal.

Nesse período de dificuldades, o atual SCG

Agostinho Garcia teve papel decisivo na guarda e condução de toda a estrutura de apoio ao trabalho do Supremo Conselho e, em momentos mais críticos, com a sua capacidade de liderança, Saber Maçónico e firmeza das suas convicções, foi capaz de conduzir os Irmãos na estrada das três Luzes da Regularidade.

Passado esse período, no momento da transição, as mãos firmes na generosidade de Espírito Maçónico de José Carlos Nogueira encontraram em Agostinho Garcia a segurança de paz e tranquilidade necessárias para que o Trabalho iniciado pelos Fundadores prossiga com a elevação e brilho que o Supremo Conselho está a viver na Maçonaria Regular em Portugal e através da sua ação no Mundo com o prestígio que lhe é reconhecido.

Hoje, em tempos de vivência Maçónica calma e de trabalho muito produtivo, o Supremo Conselho para Portugal continua a desenvolver-se internamente, sendo muitas as ações ritualísticas que cria e desenvolve, a par do cumprimento das muitas obrigações internacionais de que se destaca no presente, todo o apoio para a instalação do Supremo Conselho de Moçambique, Nação Irmã e muito fraterna.



LOUVOR AO CONHECIMENTO

*Esta peça louva o legado que os egípcios nos deixaram,
como inspiradores do conhecimento.
A Vesica Piscis recortada no peito do faraó
exprime esse facto.
É feita de espelho,
orvalhado pela aurora do saber,
e no seu centro encontra-se uma proto-Terra,
como se fosse um chacra do Universo,
ponto donde emana um determinado tipo de energia
só captada por alguns.
Na parte debaixo da pintura,
aproximam-se figuras
que percebem a importância do ensinamento
que lhes chega.
A vida não cessa
enquanto as células não deixarem de se multiplicar;
também não deixemos definhar o essencial
tornando-o estéril por defeito.*



LEITURAS

POR A. PAIVA

António Balcão Vicente

O TEMPLÁRIO d'EL-REI

romance histórico



ÉSQUILO

ANTÓNIO BALCÃO VICENTE,
O TEMPLÁRIO D'REI,
ED. ÊSQUILO,
LISBOA, 2010

O romance histórico *O Templário d'el-Rei* apresenta-se como um retrato de uma época, em que uma rainha, de nome Elisabeth e originária de Aragão, pode, pelo culto do Divino Espírito Santo, sintetizar a alma do Povo Português.

Descrevendo as relações existentes entre a coroa de Aragão e o reino de Portugal, nos finais do século XIII, que culminariam no casamento de D. Isabel de Aragão com D. Dinis, é essencialmente, um retrato realista de ambientes físicos e mentais desse período medieval.

Mas também, através das reflexões do cavaleiro templário, Frei Arnaldo d'Elne, homem de confiança e conselheiro dos reis de Aragão e de Portugal, um reflexo das múltiplas formas de pensamento que cruzam o espaço peninsular neste final de século.

Por seu intermédio se vislumbram as várias contradições a que chegara a Cristandade, cada vez mais dividida por movimentos heterodoxos, quase sempre em busca de uma «mítica pureza e simplicidade originais». Mesianismos milenaristas e dualismos gnósticos eram transversais a Cátaros, Templários, Franciscanos Espirituais e a todos os que tentavam «equilibrar-se, no fio da navalha, entre a heresia e o enquadramento na *Ecclesia*». Muitos

deles povoam a trama d' *O Templário d'el-Rei*.

Neste romance traçam-se as linhas mestras do papel desempenhado pela Ordem, tantas vezes influenciando decisivamente resoluções de reis e príncipes, traçando destinos de povos e determinando alianças de coroas. Sem ocultar as suas próprias incoerências internas, consagradas em divisões suportadas por grupos iniciáticos de elites espirituais, embriões da manifestação de uma universalidade fraterna.

Perante este universo em rápida transformação, a Ordem do Templo erguia-se como elemento de equilíbrio entre as múltiplas contradições que ameaçavam o Ocidente.

Pel' *O Templário d'el-Rei* passam os conflitos, os ódios e as paixões que dilaceram os reinos peninsulares, mas também a Luz que irradia de figuras ímpares como a que o povo viria a aclamar como Rainha Santa. Por meio dela se materializou a essência do destino da alma portuguesa, o culto do Paráclito anunciando a Parúsia dos últimos dias e o advento do V Império que falta cumprir.

Basta, no entanto, acompanhar as primeiras deambulações do cavaleiro pelos caminhos do Alto Aragão, para perceber que, mais do

que uma trama novelística, se trata de uma proposta de roteiros de viagens.

Viagens ao interior da ruralidade campesina e ao bulício cosmopolita de algumas cidades europeias da segunda metade do século XIII. Entre Lisboa que começa a afirmar-se como cabeça do reino, Paris onde a sombra do poder templário ameaça torvar as relações com a Coroa, Barcelona cada vez mais aberta aos ventos que lhe sopram do Mediterrâneo e Saragoça que mascara a sua raiz muçulmana com os brocados da corte da coroa de Aragão, muitos são os caminhos...

Pelos caminhos de Arnaldo d'Elne passam as dúvidas e as paixões humanas, a descoberta dos símbolos que ocultam o que só aos iniciados se pode desvelar.

Caminhos que podem levar ao desvario da paixão ou à descoberta do que mais profundamente se esconde na alma humana. Caminhos que se traçam no isolamento das montanhas, na aridez dos desertos ou no fragor das batalhas, mas que sempre permitem descortinar o que se pretendia oculto.

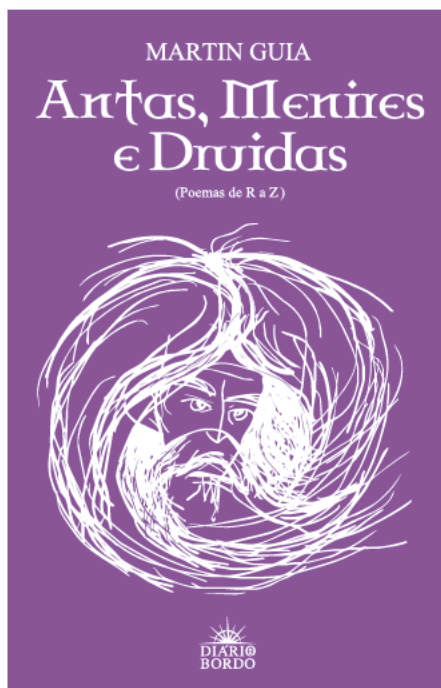
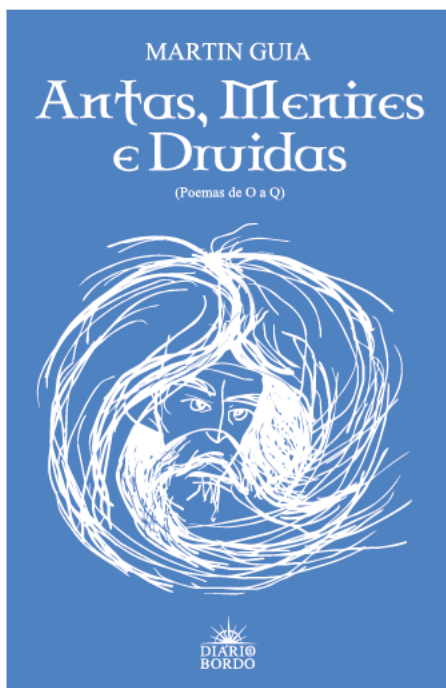
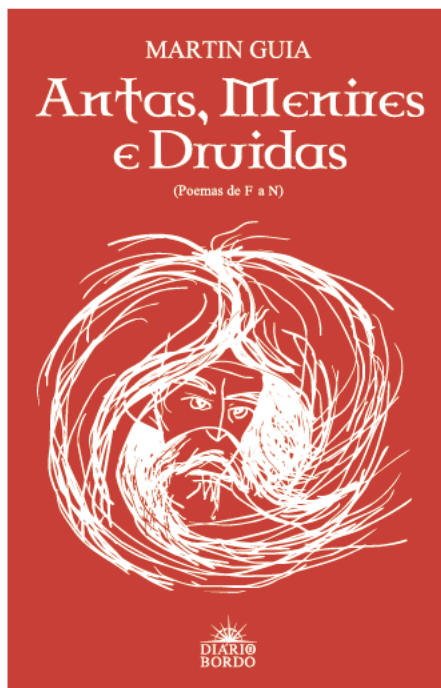
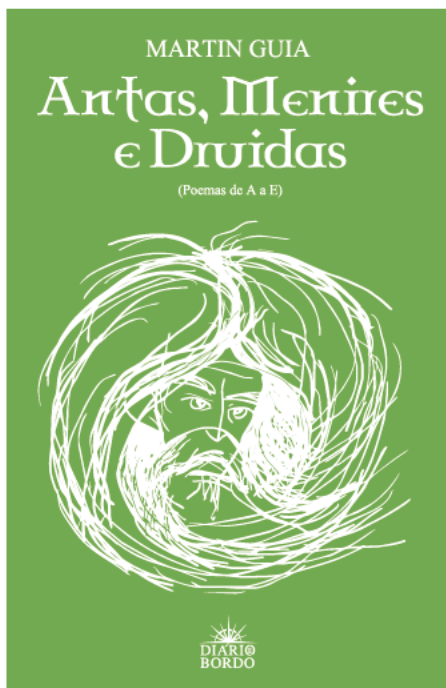
Nestes caminhos se combinam os sonhos milenaristas de Joaquim de Fiore com o ideal

templário para modelar a originalidade da alma portuguesa através do culto do Espírito Santo.

Cabe ao leitor aventurar-se na sua demanda, no meio de heterodoxias cátaras e reminiscências prescilianistas. Ver-se-á embrenhado entre enleios dos *fideli d'amore*, pensamentos de Raimundo Lull e devaneios de Bernardo Vilanova.

Veredas iniciáticas apenas acessíveis a quem busca a Sabedoria, porque, a quem não sabe para onde vai qualquer caminho lhe serve.

O autor, António Balcão Vicente, nasceu em Vilar Formoso, no Solstício de Inverno de 1952. Professor Primário por escolha e paixão, é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se especializou em Ciências Documentais e onde se doutorou em História Medieval. Autor de vários trabalhos nas áreas da História Medieval, da História Contemporânea e da História Regional e Local, integra, actualmente, a equipa de historiadores que desenvolve o Projecto *Grandes Enigmas da História de Portugal* para a editorial Ésquilo. Publicou alguns contos em obras colectivas, mas é com *O Templário d'el-Rei* que, pela primeira vez, se aventura, em pleno, no mundo da ficção que associa a um profundo rigor histórico, resultante das intensas pesquisas efectuadas.



MARTIN GUIA VICENTE,
ANTAS, MANIRES E DRUÍDAS
POEMAS DE A A Z (4 VOLUMES)
ED. DIÁRIO DE BORDO EDITORES,
LISBOA, 2009-2012

Martin Guia, Past Grão-Mestre da Grande Loja Legal de Portugal/GLRP acaba de dar à estampa os dois últimos volumes desta obra. Em síntese e como bem faz notar Eduardo de Sousa Ferreira “a poesia de Martin Guia revelando-se contraditória, agrava-se pelo que de contraditório se agi-

ta na época em que estamos. Martin Guia recusa o *inter arma musae silent*, não se cala no ambiente das confrontações da Sociedade, compõe versos de destruição criadora. Aqui assume como missão da poesia o sentido do realismo essencial da aventura espiritual do homem”.

SOZINHO NO MEIO DA MULTIDÃO

No meio da multidão,
mas na mais completa solidão

medito

e já nem sinto revolta
pelo que vejo à minha volta,

a grande mentira, é a grande verdade,
ao que é condicionado chamam liberdade,
a esperança vem, vai e desvanece,
já não há verde e tudo seca ou apodrece,
a ilusão é morta pelo canhão ...

... e tu, solidão, meu derradeiro culto,

para que eu sinta paz e a aproveite

acaba o meu tumulto e deixa que me aceite!

